



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA
FACULDADE DE ITAITUBA - FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

INGRIDH RODRIGUES SILVA ALMEIDA

**DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO
CAMPO: Vozes dos profissionais que atuam na Coordenação da
Educação do Campo, das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba-PA**

ITAITUBA/PA

2018

INGRIDH ROGRIGUES SILVA ALMEIDA

DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Vozes dos profissionais que atuam na Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba-PA

Monografia de Graduação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia apresentada à Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia.

Orientadora:

Prof^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

ITAITUBA/PA

2018

ALMEIDA, Ingridh Rodrigues Silva.

DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
Vozes dos profissionais que atuam na Coordenação da Educação do Campo,
das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba/PA – Ingridh Rodrigues Silva
Almeida. Itaituba: CLPP da FAI, 2018.

70 Fls.

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) – Faculdade de Itaituba-FAI, Curso
de Pedagogia, Licenciatura Plena em Pedagogia, Itaituba, BR-PA, 2018.

Orientadora: Prof.^a Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, Ma.

1. DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO:
Vozes dos profissionais que atuam na Coordenação da Educação do
Campo, das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba/PA.

INGRIDH RODRIGUES SILVA ALMEIDA

DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: Vozes dos profissionais que atuam na Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba-PA

Monografia de Graduação apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Itaituba, para obtenção do título de Licenciada Plena em Pedagogia, sob a orientação da Profª Mestra Elina Renilde de Oliveira Ribeiro.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____
Profº Dr. Francisco Cláudio de Sousa Silva

Orientadora: _____ Nota: _____
Profª Ma. Elina Renilde de Oliveira Ribeiro

Avaliador: _____ Nota: _____
Profº Esp. Lucia Maria da Costa Cruz

Resultado: _____ Média: _____

Data: 03 de Abril de 2018.

Primeiramente ao meu Deus, que me deu a vida e sempre me protegeu; aos meus pais, Adelmo Costa Silva e Maria Nancirene Rodrigues Silva, ao meu esposo, Alex da Silva Almeida, que sempre me apoiou e ajudou; e aos meus irmãos. Dedico-lhes essa grande conquista em minha vida.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu Deus pelo seu infinito amor por mim, pela força que me deu para seguir durante essa longa caminhada para que pudesse galgar mais degraus da minha formação profissional.

Aos meus pais, Adelmo Costa Silva e Maria Nancirene Rodrigues Silva e ao meu esposo, Alex da Silva Almeida, por tudo de bom que proporcionaram em minha vida, com apoio, amor e respeito.

Agradeço aos meus irmãos, pelo carinho e amizade que sempre tiveram por mim; aos meus cunhados por terem me ajudado nessa longa jornada, e a todos os amigos, que sempre me ajudaram nos momentos difíceis.

Aos demais familiares, minhas tias e tios; aos meus sobrinhos; as minhas avós, Raimunda Ferreira e Joana Rodrigues; aos meus avós paternos; aos meus primos e primas, pelas vibrações positivas.

Aos bons amigos de classe da Faculdade de Itaituba que tive o prazer de conhecer nessa jornada acadêmica, pelo respeito, amor, companheirismo que sempre existiu e nunca desvaneceu.

Agradeço a todos os professores e professoras que colaboraram com o meu conhecimento intelectual e profissional, pela paciência de nos ensinar e nos acompanhar esses quatro anos, o meu sincero agradecimento a esses profissionais.

A professora Elina Renilde de Oliveira Ribeiro, que de maneira especial me orientou durante a elaboração desse trabalho, pela paciência que teve comigo que confiou em minha pessoa dando forças para enfrentar os desafios que não foram poucos.

A todos os colaboradores dessa pesquisa, os profissionais que compõem a Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas/Semed.

O profissional que atua como técnico pedagógico na educação, não é mais aquele sujeito que possui um “super poder” de assessorar, acompanhar, controlar e avaliar o trabalho que os professores realizam nas escolas, mas aquele que constrói com os professores seu trabalho diário. A organização pedagógica das escolas não é tarefa exclusiva do supervisor educacional. (RANGEL, 2003 *apud* ALVES; ALVES, 2012, p. 198).

RESUMO

Este estudo teve por objetivo analisar a forma de trabalho dos técnicos educacionais nas escolas do campo, a partir das concepções dos profissionais que atuam na Coordenação do Educação, das Águas e das Florestas – CECAF/SEMED, Itaituba/PA, acerca dos desafios enfrentados por esses profissionais no seu campo de atuação. Para o desenvolvimento da pesquisa foi utilizado um estudo bibliográfico com os autores que tratam do tema e pesquisa de campo, na qual teve como sujeito da pesquisa seis técnicos que atuam na coordenação da Educação do Campo/Semed, Itaituba-PA. A partir das análises das entrevistas, percebeu-se que a equipe de profissionais da CECAF/SEMED atua em conjunto, mesmo com a divisão por departamento, as mesmas realizam seus trabalhos em equipe, primeiro polarizando as escolas, auxiliando com as formações da melhor forma, desse modo fazendo o acompanhamento pedagógico e administrativo. Os principais desafios estão em relação à quantidade de escolas que são de 93, as distâncias pelo fato de ter escolas há 600 km de distância e fica difícil atendê-las, principalmente nos período chuvosos e a questão de transporte que a coordenação não tem a sua disposição. Sem dúvida, a presença do técnico no contexto escolar é indispensável, sem o seu suporte a educação não seria a mesma, não se atingiria tantas metas. No entanto sua ausência ocasiona resultados não tão satisfatórios para a educação, como profissionais descompromissados, desmotivados para realizar seus trabalhos.

Palavras-Chaves: Pedagogia. Técnico Educacional. Educação do Campo.

ABSTRACT

The objective of this study was to analyze the work of educational technicians in rural schools, based on the conceptions of professionals working in the Coordination of Education, Water and Forests - CECAF / SEMED, Itaituba / PA, on the challenges faced by professionals in their field. For the development of the research, a bibliographical study was used with the authors that deal with the subject and field research, in which the subject of the research was six technicians who work in the coordination of Field Education / Semed, Itaituba-PA. From the analysis of the interviews, it was noticed that the CECAF / SEMED team of professionals works together, even with the division by department, they carry out their teamwork, first polarizing the schools, assisting with the best formations, thus making the pedagogical and administrative accompaniment. The main challenges are in relation to the number of schools that are 93, the distances by having schools are 600 km away and it is difficult to meet them, especially in the rainy season and the transportation issue that coordination does not have its disposition. Undoubtedly, the presence of the coach in the school context is indispensable, without his support education would not be the same, would not achieve so many goals. However their absence causes results not so satisfactory for education, as uncompromised professionals, unmotivated to carry out their work.

Keywords: Pedagogy. Educational Technician. Field Education.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Demonstrativo de escolas, alunos e pessoal docente, apoio e administrativo da zona rural.....	53
Quadro 2. Perfis das entrevistadas.....	54
Quadro 3. Qual deve ser o perfil do técnico educacional das escolas rurais?.....	56
Quadro 4. Quais os desafios enfrentados nas escolas do campo?.....	57
Quadro 5. Os profissionais das escolas do campo e da Semed respeitam e entendem seu trabalho?.....	59
Quadro 6. Descrever sua relação com os professores e responsáveis das escolas do campo? Se você corresponde?.....	60
Quadro 7. Qual sua opinião a respeito da necessidade de um coordenador pedagógico nas escolas do campo? E quais as implicações causadas pela sua ausência?.....	61
Quadro 8. Com que frequência acontece essas reuniões nas escolas? O que fazem? Quem dirige?.....	62

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 O TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO	12
1.1 LEGISLAÇÃO E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EDUCACIONAL.....	12
1.2 CAMPO DE ATUAÇÃO DO TÉCNICO EDUCACIONAL.....	19
1.3 O TÉCNICO EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA PARA EDUCADORES DO CAMPO.....	29
2 DESAFIOS NA ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES MULTISSERIADAS E O PAPEL DO TÉCNICO EDUCACIONAL	37
2.1 ATRIBUIÇÕES DO TÉCNICO EDUCACIONAL.....	37
2.2 ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DAS CLASSES MULTISSERIADAS.....	43
2.3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O TÉCNICO EDUCACIONAL.....	48
3 DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: VOZES DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS/SEMED, ITAITUBA-PA	52
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	52
3.2 CARACTERIZAÇÃO DA COORDENAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS/SEMED, ITAITUBA-PA.....	52
3.3 SUJEITOS DA PESQUISA.....	54
3.4 VOZES DOS PROFISSIONAIS DA CECAP.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
BIBLIOGRAFIA	66
APÊNDICE	68

INTRODUÇÃO

Ao observar as grandes mudanças ocorridas no cenário educacional ao longo do tempo, manifestou-se a necessidade de realizar estudos sobre a atuação do profissional que atua na coordenação pedagógica, ou seja, o técnico educacional, pois se percebe que atualmente a escola do campo é uma das instituições sociais que necessita de ajustes a essa realidade.

Portanto, o presente trabalho justifica-se pela necessidade de compreender o trabalho do técnico educacional e seus desafios nas escolas do campo, a partir das opiniões dos pedagogos que compõem a equipe da Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas, e quais propostas para a melhoria da qualidade de ensino.

Dessa forma, para buscar respostas, esse estudo pautou-se nos seguintes questionamentos: Como atua a equipe de pedagogos da Semed para atender as escolas do campo no aspecto pedagógico? Quais os desafios enfrentados pelos técnicos educacionais da equipe da Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas da Semed no atendimento aos professores? Que estratégias são utilizadas pelos técnicos da Coordenação do Campo quanto ao desenvolvimento de formação continuada aos professores do campo?

Como procedimento metodológico desse estudo, foi realizado uma pesquisa bibliográfica com autores que tratam da temática e que investigam os desafios do técnico educacional nas escolas do campo, com vistas a identificar as estratégias, formas de atuação dos pedagogos que desenvolvem esse trabalho na educação do campo, como: Scheibe e Aguiar (1999), Carvalho (2013), Lima e Santos (2007), Arroyo e Fernandes (1999), Cardoso e Jacomeli (2010), Silva e Fachini (2015), assim como as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, resoluções e pareceres que tratam da formação do técnico educacional. Como pesquisa de campo, foi realizada uma entrevista com os profissionais da Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas da Semed, Itaituba/PA, que atuam como técnicos educacionais assessorando os professores do campo.

Desse modo, este trabalho se encontra sobre a estrutura de três capítulos. O 1º capítulo aborda o técnico educacional no campo, falando sobre legislação e a formação deste profissional, assim como seu campo de atuação e como são elaboradas as formações continuadas para os educadores do campo. Prosseguindo,

o 2º capítulo dá enfoque aos desafios na organização das classes multisseriadas e o seu papel, aborda suas atribuições, como está constituída a organização dessas classes e os desafios que os mesmos enfrentam na educação do campo.

No 3º capítulo conhecemos com maior riqueza de detalhes, os desafios que os mesmos enfrentam a partir das vozes dos profissionais que atuam como técnicos e que compõem a coordenação do Campo, das Águas e das Florestas/Semed, Itaituba/Pará.

1 O TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO

1.1 LEGISLAÇÕES E A FORMAÇÃO DO TÉCNICO EDUCACIONAL

Para que se obtenha uma educação de qualidade é necessário que haja a participação de todos, tanto da família que é essencial que se faça presente, sendo ela a parte interessada, quanto, do Estado que precisa desempenhar seu papel com mais afinco e devem estar sempre comprometidos, em prol de melhorias para educação, com profissionais de educação competentes, escolas adequadas que proporcionem aos professores desenvolverem um ensino de qualidade, e aos alunos, obterem um bom êxito em seu aprendizado. (Art. 2º, LDB 9.394/1996).

Desse modo, é obrigação do Estado e da família instruírem e formarem cidadãos de bens, pessoas críticas e capazes de fazerem a diferença e deixar sua marca por onde passarem, pessoas essas com comportamentos e atitudes admiráveis perante à sociedade, e, preparadas para serem inseridas no mercado de trabalho. Pois, se família e estado compartilham dos mesmos interesses e ideias, porque não trabalhar em união?

Conforme a LDB em seu Art. 3º; incisos II e VII abordam sobre princípios, sabe-se que formar pessoas não é uma tarefa fácil, requer força de vontade e disponibilidade para aprender, tornar pessoas capazes e sabedoras de seus direitos e deveres, exige dedicação e empenho, tanto por parte de quem ensina, quanto de quem está a aprender, haja vista que quando se ensina mostrando os princípios que se devem seguir, e oferecendo oportunidades de conhecer e mostrar o que aprendeu, o ensino se torna ainda mais prazeroso e eficaz.

Atenta-se também para outro fator bem importante, que é o papel dos profissionais que devem ser competentes e comprometidos com a educação, e mostrar o quanto ele é essencial e o quanto merecem ser valorizados, afinal o que seria das outras profissões se não existisse o professor, pois são eles que apontam os melhores caminhos que o aluno deve seguir, formam outros profissionais competentes e de diferentes áreas de conhecimento capacitados para exercerem suas profissões.

Em vista disso é uma pena que mesmo, com tantos feitos, essa profissão em termos de salário seja ainda tão desvalorizada, mas ao mesmo tempo admirada por continuarem sempre lutando, mesmo com tantas dificuldades enfrentadas em seu

cotidiano, sempre estão lá, prontos para transmitirem conhecimentos e aprenderem também juntos com seus alunos, pois esse conhecimento é recíproco, é uma troca de aprendizado. Sobre o curso de pedagogia Sheibe e Aguiar (1999, p. 223) afirmam que,

O Curso de pedagogia foi criado no Brasil como consequência da preocupação com o preparo de docentes para as escolas secundárias. Surgiu junto com as licenciaturas, instituídas ao ser organizada na antiga Faculdade Nacional de Filosofia, da Universidade do Brasil, pelo Decreto-Lei nº do Brasil, pelo Decreto-Lei nº 1190 de 1939.

Na fala das autoras, havia necessidade de professores para as séries do ensino fundamental maior, pois o magistério só habilitava professores para trabalharem no ensino fundamental menor, e o mesmo não estava suprimindo o que mercado de trabalho exigia, de maneira que os docentes precisavam se graduar e se adequar, visto que só o diploma de magistério não era suficiente para sua atuação.

Nesse período o curso de Pedagogia surgiu junto com as demais licenciaturas citadas, no qual para se formar o professor teria que estudar durante (4) quatro anos, onde nos primeiros (3) três anos de curso formava-se o professor bacharel e este poderia ocupar cargos de técnicos de educação, campo profissional muito vago e após os 4 anos, como licenciado seu principal campo de atuação era o curso normal onde se exigia o diploma de nível superior.

Ainda segundo as autoras Sheibe e Aguiar (1999, p. 224), apesar de alguns retoques feitos na sua estrutura em 1962, esse panorama do Curso de Pedagogia perdurou até 1969,

[...] quando este foi reorganizado, sendo então abolida a distinção entre bacharelado e licenciatura, e criadas as “habilitações”, cumprindo o que acabava de determinar a lei nº 5540/68. A concepção dicotômica presente no modelo anterior permaneceu na nova estrutura, assumindo apenas uma feição diversa: o curso foi dividido em dois blocos distintos e autônomos, desta feita, colocando de um lado as disciplinas dos chamados fundamentos da educação e, de outro, as disciplinas das habilitações específicas.

Conforme as autoras ocorreram mudanças significativas no curso de pedagogia, porém foi só a partir de 1969 que foi modificado, e teve extinta as definições entre os profissionais bacharelados e os licenciados de acordo com a lei em vigor, definindo-se como habilitações, porém observava-se pouca mudança, pois,

o modelo anterior continuava fixado na nova estrutura, que tentava maquiagem apenas o significado das palavras.

Assim, o curso de pedagogia passou então a ser predominantemente formador dos denominados “especialistas” em educação que eram os profissionais ditos como: supervisor escolar, orientador educacional, administrador escolar, inspetor escolar, etc., continuando a ofertar, agora na forma de habilitação, a licenciatura “Ensino das disciplinas e atividades práticas dos cursos normais”, com possibilidade ainda de uma formação alternativa para a docência nos primeiros anos do ensino fundamental.

Com grandes mudanças no cenário educacional, é importante que não se esqueça da importância de outro profissional que também é um agente responsável por essas mudanças: o técnico educacional. Mas, para que saibamos sobre seu trabalho é essencial conhecer a fundo como ocorreu a trajetória da história da supervisão até chegar aos dias de hoje, iniciando a partir da industrialização até migrar para o ambiente educacional, para que possamos compreender melhor e observar sobre as suas transformações. A atuação do supervisor antes de migrar para o sistema escolar estava atrelada a zelar pelo cumprimento dos objetivos visando à obtenção de resultados empresariais de forma satisfatória.

Para Rangel (2001, p. 06,07), “Durante o século XVIII e o início do século XIX, a supervisão ocupou o espaço da inspeção, cujo trabalho focava-se na repressão, checagem, no monitoramento de ações”. No entanto, seu objetivo principal era a eficiência do trabalho em relação ao ensino, monitorando o trabalho dos docentes só então anos depois, que sua atuação se voltou para o desempenho para as tarefas educativas, mas sempre tendo como objetivo básico a melhoria do processo ensino-aprendizagem, verificando as atividades dos professores.

Só então a partir do século XX, foi que a supervisão buscou outros padrões de comportamentos e critérios de rendimento escolar, com vista à eficiência do ensino, ressaltando-se a adoção de princípios democráticos nas instituições de ensino. Além disso, verificava-se uma grande tendência de se introduzir paradigmas democráticos nas organizações educacionais, estendendo-se o papel do supervisor como um líder democrático.

Outro fator interessante que contribuiu foi à parceria do Brasil com os Estados Unidos, que tinha como proposta alavancar o desenvolvimento da educação que se deu por meio de cursos oferecidos pelo Programa Americano-Brasileiro de Assistência ao Ensino Elementar (Pabae), onde foi formada a primeira turma de supervisores

escolares, aos moldes da educação americana que priorizava a atuação do ensino fundamental, com vista à modernização do ensino e ao preparo do professor leigo.

No fim da década de 60, o Brasil era visto como um país em desenvolvimento, portanto, neste momento, foi estabelecida a integração do planejamento educacional ao Plano Nacional de Desenvolvimento, por ser a educação tomada como prioridade para se atingir o desenvolvimento como um todo. Logo visando à melhoria da qualidade do ensino e, se exigia do Supervisor uma formação em nível superior. Sendo assim, a presença dos especialistas no interior do sistema educacional, contribuiria cada vez mais para a divisão do trabalho no interior da escola.

Por conseguinte a partir de 1960, a ação supervisora estava voltada para a questão dos currículos, com destaque para a pesquisa na busca de novas soluções para a melhoria da qualidade do ensino, no qual nesse período a supervisão assumiu papel de liderança, valorizando o alcance dos objetivos através de um esforço cooperativo e a valorização dos processos grupais na tomada de decisões.

Entretanto ainda sobre a Lei nº 9.394/96 em seu Art. 64 destaca que para os profissionais ocuparem cargos de administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, é necessário que eles, possuam cursos de graduação em pedagogia ou tenham pós-graduação, de acordo com o que consta na LDB.

Desse modo, a LDB deixa bem claro as reais atribuições quanto ao cargo e em relação ao nível de escolaridade desses profissionais, tendo em vista o grau de responsabilidade que cada um deles tem de enfrentar em sua função, por isso a necessidade de se ter uma graduação, sendo que através dela e da vivência durante a sua formação, denotará mais segurança no desempenho de sua função.

Porém, não se deve esquecer que, fica a critério da instituição exigir que sejam pessoas formadas em Pedagogia, e que se cumpra de acordo com o que está previsto em Lei, para que não ocorram problemas maiores no futuro. Quando se tem, um profissional competente, com capacidades e habilidades, todos só têm a ganhar, inclusive a instituição em que eles atuam.

As atuais Diretrizes Curriculares Nacionais de Pedagogia (DCNs) asseveram que a Licenciatura em Pedagogia (sem habilitações específicas) realiza a formação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional, em escolas e órgãos dos sistemas de ensino) da Educação Básica e também estabelece que devam ser observadas igualmente as disposições do Parágrafo Único do Art. 67 da Lei nº 9.394/96,

no sentido de que a experiência docente é pré-requisito para o exercício profissional de quaisquer outras funções de magistério, nos termos das normas de cada sistema de ensino. (SPRÍCIGO, 2012, p.189).

Pode-se observar que, com as modificações ocorridas na lei, não está mais havendo formação do pedagogo, apenas em uma área específica no curso de pedagogia, o pedagogo pode trabalhar em diferentes áreas de atuação que, pode vir a ser dentro ou fora do âmbito escolar, abrindo com isso um leque de oportunidades profissionais, mas, não esquecendo de que precisa ser voltada para educação básica.

Assim para que ele assuma qualquer um desses cargos citados acima o mesmo, deverá ter tido pelo menos certo tempo de experiência como, docente o que contará muito em sua carreira profissional, já que enfrentará um grau de dificuldade maior, pois lhe serão entregues grandes compromissos e com isso muita responsabilidade, por esse motivo é que precisa ter conhecimento do funcionamento dentro de uma sala de aula e, assim atendendo o que se está previsto em lei.

De acordo com a Legislação vigente, o Curso Superior em Pedagogia não é mais subdividido em habilitações, de maneira simplista, pode-se dizer que elas fragmentavam e dificultavam a atuação do pedagogo, gerando grandes entraves nas instituições educacionais e, desse modo com as alterações nas Novas Diretrizes Curriculares Nacionais de Pedagogia em muitas escolas não existe mais a presença desses profissionais.

Sendo essas funções que antes eram desempenhadas por vários profissionais, nos dias atuais foi substituído por uma só pessoa, na figura do técnico educacional que pode desempenhar a três funções em um só cargo, tendo em vista que a escola considera nos dias de hoje a carga horária aumentada, assim como as responsabilidades delegadas a ele.

Com as mudanças ocorridas na LDB, tem-se aberto uma ampla variedade de opções no campo profissional, onde quem é formado em licenciatura Plena pode atuar em diferentes ambientes, tanto educacionais como na área da saúde, tais como: empresas, clínicas, hospitais, centros de saúde e etc.

No entanto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia - DCNs não foram modificadas, com o objetivo de abolir essas habilitações na graduação em Pedagogia, mas sim abrir um leque de possibilidades para que os demais profissionais também licenciados em educação pudessem trabalhar nas áreas

citadas como técnico. De acordo com a análise documental de Scheibe e Aguiar (1999, p. 222, 223),

[...] A trajetória da discussão que propiciou a normatização dos Institutos de Educação já demonstrou complexidade apontada e favoreceu, ao final, uma posição mais aberta, concebendo uma diferenciação importante ao estabelecer, no seu art. 3º, que esses institutos poderão ser organizados como instituto superior propriamente dito ou em faculdade, ou em faculdade integrada ou em escola superior, com direção ou coordenação do conjunto das licenciaturas ministradas (alínea I); como unidade de uma universidade ou centro universitário, com direção ou coordenação do conjunto das licenciaturas ministradas (alínea II); ou ainda como coordenação única de cursos ministrados em diferentes unidades de uma mesma instituição (alínea III) (Resolução CP N° 1, de 30/09/1999).

A seguinte Resolução dá ênfase no Art. 3º à questão da maneira que ficou a organização dos institutos educacionais onde, farão a capacitação dos profissionais, podendo ser apresentados de várias maneiras, chamados de faculdades, quando existir mais de uma faculdade distribuída em diferentes unidades, que se encontram ministrando muitas licenciaturas, ou de apenas uma unidade de ensino na qual abrangem diversas licenciaturas e também podem existir unidades que funcionam em diferentes instituições, mas que oferta apenas um único curso.

Nesse contexto, com as significativas alterações em relação ao ensino superior brasileiro, no que abrange o processo de transformação das instituições de ensino superior em organizações sociais, públicas ou privadas, já se observa a preocupação com os procedimentos e normas nos cursos e instituições de ensino superior em garantir a implementação da LDB, para que aconteça um preparo adequado aos estudantes e para que se tenham bons profissionais no mercado de trabalho.

Portanto, a Lei garantiu a esses profissionais que possam exercer suas funções pedagógicas não só no âmbito escolar, mas em qualquer empresa que esse profissional possa ter os seus serviços requisitados para que se tenha um ambiente harmonioso.

Apesar de que no contexto atual, desde a reformulação do curso de Pedagogia com as Diretrizes Curriculares Nacionais (Resolução CNE/CP n.1, de 15 de maio de 2006), não haver mais a formação do pedagogo com base em habilitações específicas e sim a formação do pedagogo unitário, ainda hoje a atuação do pedagogo escolar continua tendo por base práticas centradas nas funções supervisora e orientadora. (CARVALHO, 2013, p. 03).

Diz-se que, apesar das mudanças ocorridas em relação às reformas nas diretrizes que foram feitas no curso de pedagogia, ainda não parece ter ficado claro o

real papel do pedagogo em seu amplo campo de atuação. Ainda se predomina a ideia de que ele só pode exercer habilidades para as categorias de supervisão e orientação, e muitas vezes seu papel vai além dessas limitações, haja vista que no espaço escolar acontecem diversas situações onde as habilidades desse profissional são exigidas.

Convém destacar que o pedagogo do século XXI, vive um momento de reestruturação de paradigmas em meio às mudanças pelo fenômeno da globalização, que surgem novas demandas de formação e desafios em sua função, diante das exigências impostas pelo mercado de trabalho, no qual precisa ser cada vez mais competente, buscar desenvolver novas formas de aprender, novas experiências, formas diferenciadas de realizar seu trabalho.

O curso de Pedagogia deve formar o pedagogo *strictu sensu*, isto é, um profissional qualificado para atuar em vários campos educativos para atender demandas socioeducativas de tipo formal e não-formal e informal, decorrentes de novas realidades – novas tecnologias, novos atores sociais, ampliação das formas de lazer, mudanças no ritmo de vida [...] não apenas na gestão, supervisão e coordenação pedagógica de escolas, como também na pesquisa, na administração dos sistemas de ensino, no planejamento educacional, na definição de políticas educacionais, nos movimentos sociais, nas empresas nas várias instâncias de educação de adultos [...].(LIBÂNEO, 2007, p. 38,39).

Neste sentido, o autor afirma que, o campo de atuação do pedagogo torna-se vasto, considerando que a educação também acontece de forma complementar e paralela à escola. Pois, no que se refere ao curso de pedagogia, este prepara o pedagogo para atuar em diferentes campos educativos, já que este profissional está preparado para assumir responsabilidade fora do meio escolar, dentro da complexidade das relações sociais e diante das novas possibilidades de educação que vem se apresentando.

Entretanto, coloca-se então na formação deste pedagogo, o enfoque reflexivo sobre a ação do educador, no sentido de proporcionar a aquisição de conhecimentos e condições que promovam o ato da reflexão profunda sobre sua ação. No que diz respeito ao trabalho docente, o curso de pedagogia e a atuação profissional em um amplo leque de práticas educativas, isto quer dizer, ir além da superficialidade das impressões do dia a dia.

Buscando criticamente a compreensão de todas as dimensões de sua prática, considerando também os propósitos, fatores e as relações que influenciam neste novo modelo de organização em que se encontra a estrutura global, qualificando

profissionais para atuarem com habilidades para resolução de problemas, tomadas de decisões e flexibilidades dos tempos atuais serviços que são assessorados por pedagogos fora da escola.

Configura-se, atualmente diversas nomenclaturas para o profissional que atua no serviço pedagógico junto aos professores e alunos, sendo conhecido por especialistas em educação, coordenadores pedagógicos, assim como técnico educacional, dentre outras.

1.2 CAMPO DE ATUAÇÃO DO TÉCNICO EDUCACIONAL

Diante das mudanças ocorridas no contexto educativo, pode-se ter a percepção de como as funções de supervisor, orientador e coordenador continuam entrelaçadas, e muito mais presentes na sociedade contemporânea, modificada apenas pelas junções de funções atribuídas e desempenhadas pelo técnico educacional em relação aos dias atuais. O profissional que atua como técnico pedagógico na educação,

[...] não é mais aquele sujeito que possui um “super poder” de assessorar, acompanhar, controlar e avaliar o trabalho que os professores realizam nas escolas, mas aquele que constrói com os professores seu trabalho diário. A organização pedagógica das escolas não é tarefa exclusiva do supervisor educacional. (RANGEL, 2003 *apud* ALVES; ALVES, 2012, p. 198).

De acordo com o autor, o campo de atuação do profissional supervisor/orientador/técnico educacional passou por inúmeras transformações até chegar aos dias atuais, provocando mudanças no perfil deste profissional que, passou de controlador para atuar como um profissional articulado. O cenário global a cada dia mais se modificando, tornou-se necessário que ele também se adaptasse, demonstrando assim a sua capacidade e agilidade em aderir aos novos conhecimentos para que assim possa auxiliar da melhor maneira junto às atividades dos docentes e todos os envolvidos no contexto escolar.

Entende-se, dessa forma, que este profissional não trabalha sozinho, o mesmo precisa do apoio e participação de todos os envolvidos para que aconteçam mudanças no processo educativo, deixando claro que a imagem de autoritário e de temido e também a sua função ligada somente as políticas públicas educacionais ficaram no passado.

Para Koran e Foster (1969) *apud* Lück (2008, p. 21,22), “A eficácia da ação do supervisor escolar torna-se, pois diretamente ligada à sua habilidade em promover mudanças e o desenvolvimento de novas perspectivas, ideias, opiniões, atitudes, etc”. Nesse contexto, quando se fala no potencial que este profissional adquiriu com as recentes mudanças em seu campo de atuação, observamos que este não está mais voltado apenas para o ensino-aprendizagem do aluno, mas também para os conhecimentos, habilidades e atitude que os professores devem desenvolver em relação ao processo ensino-aprendizagem.

Já que nem sempre houve a preocupação de como estava o desempenho dos docentes e se precisava de melhorias, por isso fica evidente que com uma melhor assistência para com o professor, o mesmo irá apresentar um melhor desempenho em seu campo de atuação. Enfim, essas mudanças cabem ao supervisor está atento e direcioná-los, pois não basta ter ideias, planos e projetos prontos é preciso apresentá-los para que juntos possam ser executados de forma que se adequem a sua realidade, já que quem está diretamente em contato com os alunos, sendo que as dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar é com o professor.

Entretanto, é nesse sentido que se deve trabalhar em prol da capacitação destes profissionais, para que estejam sempre se qualificando tornando-se assim, eficaz o aprendizado dos alunos, assim como da equipe técnica pedagógica da escola.

A supervisão educacional tem sido tratada usualmente como uma função e, como tal – função –, de forma reducionista e depreciativa da sua imensa responsabilidade no sistema educacional [...] A supervisão educacional compõe a gestão democrática da educação. Ela é responsável pelo “controle” das políticas educacionais que necessitam ser desenvolvidas com qualidade e construídas coletivamente no espaço escolar. A supervisão educacional é responsável pela formação humana que se realiza na escola. (FERREIRA, 1978, p.114).

Segundo o autor, a função do técnico educacional desde os tempos atrás e, mesmo recentemente com implementações nas leis, este profissional continua a ter sua atuação reduzida e sua importância desvalorizada. Parece que ainda predomina a ideia de que seu trabalho sempre será voltado para questões burocráticas, por mais que tente mostrar qual é a sua real função no contexto educacional.

No entanto, em outro sentido a supervisão é vista como um grande componente de ajuda à gestão da educação, ficando entendido que seu campo de atuação,

compõe-se em duas teses, sobre os das políticas educacionais onde o mesmo irá guiar e desenvolver seu trabalho de maneira organizada e coletiva onde todos participem e possam se expor e, também debater suas opiniões, e ao mesmo tempo trabalhar a questão da formação humana, pois no conjunto educacional existem pessoas de diferentes culturas. Dessa forma fica subentendido que para ter responsabilidade e compromisso com a formação humana dos alunos é preciso que se entenda sobre sua própria formação.

O trabalho dos profissionais da educação – em especial da supervisão educacional – é traduzir o novo processo pedagógico em curso na sociedade mundial, elucidar a quem ele serve explicitar suas contradições e, com base nas condições concretas dadas, promover necessárias articulações para construir alternativas que ponham a educação a serviço do desenvolvimento de relações verdadeiramente democráticas. (FERREIRA, 2001, p. 09).

Como afirma a autora de modo geral, a atuação dos supervisores educacionais apareceu, visando a melhorias no contexto educacional, por isso em seu trabalho eles mostram de que maneira podem ocorrer mudanças no processo ensino e aprendizagem dos alunos, esclarecendo a quem essas novas mudanças devem atingir, para que assim todos conheçam e atinjam o resultado esperado.

Outro campo de atuação do técnico educacional é na orientação, cujo papel principal é atuar com os educandos. Assim é que a orientação educacional é definida como “um método pelo qual o orientador educacional ajuda o aluno, na escola, a tomar consciência de seus valores e dificuldades, concretizando, principalmente através do estudo, sua realização em todas as suas estruturas e em todos os planos de vida” (SCHMIDT; PEREIRA, 1969 *apud* LÜCK, 2008, p. 23).

Na definição dos autores podemos observar que, o trabalho desse profissional que é o orientador educacional está para a orientação no processo educacional onde, ele atua promovendo o desenvolvimento da aprendizagem dos discentes essencialmente o público adolescente, que geralmente passa por momentos difíceis de dúvidas e de aceitação nesse período.

Desse modo, a atuação do orientador educacional é ajudar no contexto educacional desenvolvendo ações tais como: orientá-los em questões afetivas e sociais, incentivar o corpo discente em sua aprendizagem, auxiliá-los na escolha profissional, aconselhamentos onde ele reconhece que o adolescente em transição precisa ser compreendido e trabalhado.

De fato acredita-se que o orientador educacional desempenha uma série de funções no seu campo profissional revelando-se assim de extrema importância a inserção dele na escola ou fora dela, prevalecendo que o mesmo atua preocupado primeiramente com a realidade socioeducacional dos discentes.

Para Lück (2008, p. 27), “o orientador educacional presta serviços ao educando na medida em que emergem a necessidade, que os professores não estão preparados ou não tem condições para atendê-las”. Portanto, a sua atuação não está voltada somente para ajudar os discentes, mas, também no auxílio dos professores em atendimento onde os mesmos não estão encontrando soluções. Um exemplo é o professor que tem alunos que precisam de atendimento especial, e esse aluno não está adquirindo o aprendizado esperado, dessa forma ele pode recorrer, pedindo ajuda ao orientador ou em outras situações como indisciplina, problemas psicomotores ou psicológicos.

É nessas ocasiões que o orientador auxiliará os docentes através das prestações de serviços dando suporte pedagógico e dando apoio às atividades coletivas desenvolvidas que vão além da prática curricular desenvolvidas na sala de aula com os professores. E essas atividades sempre se realizam em parcerias diversas, a estrutura educacional, os docentes, os pais e até mesmos os próprios discentes, para que sejam solucionados os problemas de todos os envolvidos nesse processo.

Assim, o orientador educacional, um dos educadores da escola, deverá participar de uma ação educacional coletiva, assessorando o corpo docente no desencadeamento de um processo em que a sincronicidade é desvelada, torna-se consciente, autônoma e direcionada para um compromisso com uma ação pedagógica competente e significativa para os objetivos propostos no projeto pedagógico da escola. Nesse processo, o orientador e professor, em conjunto, refletirão sobre a relação ensino-aprendizagem que ocorre em sala de aula, em suas nuances, identificando aspectos que necessitem de ampliação, aprofundamento ou modificação, de modo a garantir a construção do conhecimento do aluno em direção cada vez mais consistente com os objetivos propostos. (PLACCO, 1994, p. 30).

De acordo com o autor, fica evidente que a presença do orientador no ambiente escolar faz toda a diferença e, suas ações voltadas para o trabalho coletivo, contando com o apoio de todos, no qual eles permitam que o orientador desenvolva sua função, desencadeia um ótimo resultado por que essa é a sua forma de atuação, fazer com que todos compreendam que o trabalho realizado de maneira harmoniosa e

consciente e, comprometidos com a mesma finalidade se alcançará o sucesso tão esperado nos projetos escolares.

Dependendo da forma como tendem a desenvolver seus trabalhos, tanto orientador como os professores e demais membros da área escolar, discutindo sobre o que está bom ou, se precisa de mudanças no ensino-aprendizagem dos alunos, todos aprendem, pois, há uma troca de aprendizado que, só tornarão seus conhecimentos muito mais eficazes e com isso, todos ganham.

De acordo com Bencine (2003, p. 38), “Todo educador sabe que o apoio da família é crucial no desempenho escolar. Pai que acompanha a lição de casa. Mãe que não falta a nenhuma reunião”. Ou seja, pais cooperativos e atentos, esse é o desejo de qualquer professor. Segundo alguns estudos observa-se que, quando há o estreitamento da relação entre escola e família, faz toda diferença para que aconteçam mudanças no campo escolar, os educandos apresentam mais motivação ao estudo e demonstram um melhor desempenho escolar.

Porém, não é o que se presencia nos dias atuais, a atuação dos pais continua a ser bem raro, o que dificulta o aprendizado e até mesmo ocasionando a falta de interesse de seus filhos em querer estudar. E fazer acontecer esse relacionamento entre a família e a escola, exige cada vez mais a presença do orientador educacional, para melhorar essa situação, no qual ele promoverá melhores oportunidades de encontros entre todos os envolvidos, pais, professores, gestores e demais membros da comunidade escolar, fazendo com que reflitam sobre o papel e a responsabilidade que cada um possui, também orientará nas questões administrativas e pedagógicas que são desenvolvidas na instituição.

Portanto, seu trabalho é fazer com que se entenda que não parte do princípio de que a família precisa ser ajudada pela escola e sim de que a escola precisa dela, e de várias maneiras: se unindo, se apoiando e participando ativamente de todos os eventos e reuniões que acontecem na escola. Pois, a educação é um serviço público, e o pai, um cidadão que deve acompanhar e trabalhar pela melhoria da qualidade do ensino assim como os docentes.

Como se sabe, a participação das famílias para colocar a Educação escolar no dia a dia é fundamental. Pais, familiares e comunidade podem e devem valorizar o que as crianças e os jovens aprendem e ajudar a estabelecer relações entre a vida e os conteúdos de sala de aula. Para isso, é importante que educadores compartilhem com os familiares as diferenças no tratamento

de alguns temas. Isso deverá acontecer em reuniões específicas para os pais de cada segmento. (AZEVEDO, 2014, p. 67).

No entanto, na fala do autor é essencial que o orientador, juntamente com todos os envolvidos façam um planejamento antes de realizar suas ações. Todo corpo escolar seja orientado e, faça uma preparação para a recepção dos pais, desde os professores, gestores e corpo de apoio como vigias e auxiliares, pois até a maneira com que são recepcionados conta muito, seja nos eventos ou reuniões que acontecem no decorrer do ano letivo.

Outro fator interessante a ressaltar é que, durante essas reuniões, no qual são abordados diferentes assuntos, aconteça o compartilhamento das atividades realizadas pelos alunos, apresentação de pequenos vídeos da rotina deles durante as aulas. Mostrar durante essas reuniões, se houver oportunidade, para que os pais conheçam o que está sendo ensinado aos seus filhos, e, valorizem os conhecimentos aprendidos que poderão ser levados e utilizados no seu cotidiano.

Portanto, também é necessário que sejam apresentadas propostas aos pais, como horários mais acessíveis para essas reuniões, por alegarem falta de tempo por estarem trabalhando. É fundamental a participação dos pais e o acompanhamento do aprendizado de seus filhos, não só em situações desagradáveis que venham a ocorrer, mas sim, dá oportunidade para expressar seus pontos de vista e dessa maneira ajudar no incentivo da melhoria do aprendizado de seus filhos. Colocar a educação no dia a dia exige a participação de cada um dos agentes envolvidos nesse processo.

Na escola, um dos principais papéis da coordenação pedagógica é a realização de encontros de pais e professores e quando isso é bem planejado e administrado, pode ocorrer à interação escola e comunidade. Poderá também incluir nesta oportunidade os amigos da escola, para dar um suporte ao ensino e aprendizagem. Também se necessita manter um clima agradável de cordialidade e respeito, trabalhar o compartilhamento de ideias, de maneira que estimulem o sentimento dos pais em quererem participar da educação dos seus filhos.

Por isso, o orientador precisa ser um articulador dessa interação tendo em suas práticas pedagógicas conhecimento sobre o que está sendo aplicado no seu setor de trabalho de acordo com o que rege a legislação, para que possa promover a reflexão, esclarecendo dúvidas sobre questionamentos que os pais venham ter. O orientador precisa ser um pesquisador, e se antecipe os conhecimentos e apresente estratégias

complementares de trabalho possibilitando a efetiva compreensão de todos, tanto dos docentes, como dos pais.

É fundamental que o gestor coordenador pedagógico, seja articulador, e que tenha em suas práticas pedagógicas a avaliação institucional, o qual promove e ajuda na reflexão sobre aspectos nos quais é preciso melhorar e a encarar o erro como uma oportunidade de aprendizagem. Estratégias complementares do trabalho da coordenação pedagógica é a qualificação do processo de ensino como forma de possibilitar a efetiva aprendizagem por parte de todos, então algumas práticas empíricas que objetivam renovar a prática educativa podem ser utilizadas como reforço ao trabalho entre elas podemos citar a interação com os docentes.

Nesse caso, segundo Dessen e Polonia (2007) *apud* Perius (2013, p. 34), a escola “oferece uma oportunidade de exercitar um novo papel que propiciará mecanismos importantes para o seu desenvolvimento cognitivo, social, físico e afetivo, distintos do ambiente familiar”. Cabe ao coordenador auxiliar o educando e o professor nessa difícil transição e na interpretação de novos papéis social articulando ações entre família e escola, de forma a minimizar as dificuldades da criança de adaptação ao ambiente escolar e no relacionamento interpessoal com os demais atores envolvidos no ambiente escolar.

Sendo assim, podemos observar um aspecto relevante para um bom desenvolvimento do trabalho são as relações interpessoais entre pais e professores que permeiam o ambiente organizacional, visto que grande parte dos seres humanos nascem com uma pré-disposição para se relacionarem, porém essa competência precisa ser trabalhada, pois se não forem trabalhadas podem atingir o desempenho do aluno de forma negativa. É o que se presencia muitas vezes nas organizações, são pessoas admitidas pela competência técnica e demitidas pela falta de relacionamentos.

Portanto, dessa forma, coordenadores e gestores precisam estar atentos a problemas que possam está acontecendo seja entre os professores e demais profissionais da escola, como em relação aos pais que são elos importantes na educação dos estudantes, se houver a necessidade utilizar programas e capacitação de desenvolvimento que beneficiem o desempenho das habilidades sociais.

Os laços afetivos formados dentro da família, particularmente entre pais e filhos, podem ser aspectos desencadeadores de um desenvolvimento saudável e de padrões de interação positivos que possibilitam o ajustamento do indivíduo aos diferentes ambientes que participa (PERIUS, 2013, p. 26).

Dessa forma, acredita-se que quando já existe um relacionamento de afetividade dentro do seio familiar, isso trará facilidade para questões de relacionamento interpessoal que essa criança venha desenvolver, pois com certeza lhe dará mais tranquilidade de interação em qualquer outro ambiente que não seja o ambiente escolar, por isso é tão essencial à presença dos pais para que mudanças aconteçam.

Nota-se, portanto que, entre coordenador e pais acaba ocorrendo uma relação social mesmo que seja indireta por meio da criança, relações essas que se criam continuamente, ou seja, construídas a partir de ações partilhadas e interdependentes que são estabelecidas entre eles. Assim, no espaço escolar e entre a comunidade escolar, coexiste uma relação que quanto mais amigável será melhor para ambos os lados.

Contudo, o coordenador pedagógico tem que ter clareza e conhecimento de como ocorre o processo de aprendizagem para desta forma poder intervir junto aos professores, alunos e familiares para favorecer que a aprendizagem ocorra de forma efetiva. Ter clareza dos objetivos que se pretende alcançar permite que o coordenador pedagógico procure despertar o lado afetivo entre os atores envolvidos no processo de aprendizagem escolar, buscando o estabelecimento desse vínculo onde a parte principal seja o resgate da responsabilidade de todos com o desenvolvimento da criança. Neste caso, a figura do coordenador torna-se fundamental para a comunicação entre os atores na busca de uma integração entre família e escola.

Sobre o campo de atuação do coordenador pedagógico, pode-se entender que este é um profissional que exerce mil e uma funções em seu trabalho.

Entendemos a coordenação pedagógica como uma assessoria permanentemente e continuada ao trabalho docente, cujas principais atribuições, dentre outras podem ser listadas em quatro dimensões; a) acompanhar o professor em suas atividades de planejamento, docência e avaliação; b) fornecer subsídios que permitam aos professores atualizarem-se, aperfeiçoarem-se constantemente em relação ao exercício profissional; c) promover reuniões, discussões e debates com a população escolar e a comunidade no sentido de melhorar sempre mais o processo educativo; d) estimular os professores a desenvolverem com entusiasmo suas atividades, procurando auxiliá-los na prevenção e na solução dos problemas que aparecem. (LIMA; SANTOS, 2007, p. 79).

Conforme citado pelos autores, o que podemos perceber é que no campo de atuação do coordenador pedagógico não há limitações. Seu trabalho no espaço escolar é constante, principalmente junto às atividades dos docentes onde ele precisa estar atento a tudo, pois, seu trabalho é bastante cobrado por todos e tudo que envolvem os docentes e os educandos é de sua total responsabilidade.

Ele responde pelo desempenho dos professores na prática cotidiana e é responsável pela formação continuada dos mesmos, e, também sobre o aproveitamento dos alunos. Trabalha no atendimento dos pais dos discentes se responsabilizando pela maioria dos problemas que envolvem a vida escolar. Portanto, sua atuação é de suma importância, pois dependendo de suas ações é o sucesso da vida escolar, mesmo que muitas vezes seu trabalho seja pouco reconhecido.

Contudo, no pensamento de Fernandes (1997, p. 115), “não tem um ‘o que’ e um ‘como’ para ensinar o coordenador a fazer bem seu trabalho, trata-se, portanto de um saber a ser construído”, por isso este profissional necessita do apoio de todos que fazem parte do contexto escolar. Saber fazer não é uma tarefa fácil e, em sua profissão não existe uma metodologia que se deva seguir à risca, a ser desenvolvida com o professor ou o aluno, para que se obtenha o sucesso esperado, o coordenador precisa construir seu saber fazer ali, convivendo com a realidade na qual ele está inserido.

Por mais que o coordenador procure se atualizar sempre através de cursos de capacitação, se inove a cada dia, tenha ideias brilhantes, mas se haver espaço para a sua atuação e, não for aquele profissional atuante, que participa ativamente na escola na prática juntamente com a direção e demais membros do ambiente escolar, havendo com isso a troca de conhecimentos, dos diferentes profissionais, como poderá atingir o sucesso tão esperado. Por isso se o coordenador consegue desenvolver seu trabalho com êxito, todos ganham e todos aprendem, a entender o verdadeiro significado do saber fazer.

É importante lembrar que, antes, de mais nada, a coordenação exercida por um educador, e como tal deve estar no combate a tudo aquilo que desumaniza a escola: a reprodução da ideologia dominante, o autoritarismo, o conhecimento desvinculado da realidade, a evasão, a lógica classificatória e excludente (repetência ou aprovação sem apropriação do saber), a discriminação social na e através da escola, etc. (VASCONCELOS, 2002 *apud* GIMENES; MARTINS, 2010, p. 388).

Conforme citado pelo autor, a realidade vivenciada nas escolas clama muito pela presença deste profissional, pois são inúmeros os problemas que surgem e necessitam do suporte do coordenador pedagógico. Este profissional, em sua atuação tem que se desdobrar em vários, tendo que achar soluções para as mais variadas situações que surgem no cotidiano escolar. Diante de tantas dificuldades enfrentadas dentro do espaço escolar, ficam até mesmo alguns pontos de interrogações, como o coordenador poderá desenvolver suas habilidades e, tornar-se um profissional competente, sendo que, precisa desempenhar várias funções, deixando de lado a sua real função que diz respeito ao cargo que ocupa, sendo que o lema proposto em nossa atualidade é a construção de uma educação de qualidade para todos e com a participação de todos.

Aliás, dever-se-ia questionar o sistema acerca dessa precária situação de trabalho: o coordenador exerce uma função; a coordenação não se constitui num cargo. Isso favorece a descontinuidade do trabalho a ser desenvolvido nas escolas, ao mesmo tempo em que coloca o coordenador numa posição bastante frágil: não se submetendo às determinações e às expectativas do sistema, ele é afastado da função. A situação que lhe é imposta, embora não explicitada, já traz em si a sua submissão ao sistema de supervisão, de um lado, é a direção da escola, de outro, o que lhe confere uma estreita margem de ação. (FERNANDES, 1997, p. 118).

Na definição, o autor, está focado para a questão das dificuldades enfrentadas em relação ao que o sistema impõe no campo de atuação do coordenador pedagógico, por que na escola, além de tudo ele vive o conflito de, ao mesmo tempo ser professor e coordenador; de estar ligado ao diretor, ajudando nas tarefas administrativas e burocráticas e ainda, dando auxílio para o professor, já que dele se espera receitas milagrosas para seu fazer pedagógico.

Por não ter claro seu papel definido e não ter muitas vezes o apoio necessário para desenvolver seus trabalhos, tanto por parte de professores e gestores e até mesmo do próprio sistema, que acaba colocando o coordenador em uma situação limitada, o que faz com que seus trabalhos fiquem incompletos, por ter que tornar-se submisso ao sistema da supervisão que o cerca em todas as direções.

1.3 O TÉCNICO EDUCACIONAL E A FORMAÇÃO CONTINUADA PARA EDUCADORES DO CAMPO

A educação do campo como é hoje denominada se destina ao povo do campo. De acordo com Arroyo (1999, p. 06), “essa educação escolar ultrapassa a fase ‘rural’, da educação escolar ‘no’ campo e passa a ser ‘do’ campo. Está vinculada a um projeto democrático popular de Brasil e de campo”. Portanto, tem se entendimento que nessa mudança da nomenclatura rural para o campo, não se trata apenas da educação do conhecimento sobre como lidar com a terra, mas sim de uma educação que se adequem aos princípios do campo, com métodos e conteúdos diferenciados que possam ofertar a esse público conhecimentos mais contextualizados.

Para que eles não se sujeitem a permanecer apenas na escolinha de letras aprendendo a ler, escrever e contar, mas que seu conhecimento vá além dessas escolas para que se tornem pessoas participativas e criativas em projetos que seja voltado para melhorias do campo, resgatando e valorizando os valores culturais típicos de seu povo, dando ênfase para a melhoria das tarefas docente, família, comunidade e dos educandos.

Nesse contexto, o movimento por Educação do Campo traz em sua origem, a constituição de novos conceitos, significados, tendo em vista que, segundo Molina e Fernandes (2004) *apud* Rocha (2009, p. 10),

O Paradigma da Educação do Campo nasceu da luta pela terra e pela reforma agrária. Afirmamos que esta luta cria e recria o campesinato em formação do Brasil. Desse modo, a Educação do Campo não poderia ficar restrita aos assentamentos rurais. Era necessária a sua espacialização para as regiões, para as comunidades de agricultura camponesa.

Conforme afirmam os autores, o principal objetivo desses movimentos era de se adquirirem os direitos permanentes sobre a terra, onde pudessem plantar e fazer suas colheitas, mas, esse cenário começou a mudar a partir do momento que se percebeu que todas as pessoas que trabalham e moram no campo, tinham direito a educação, não somente as pessoas que vivem nas áreas de assentamento.

No entanto, para isso era preciso que essas lutas se estendessem a todos os lugares e vilarejos do campo, para que assim pudessem ganhar mais força a cada dia. Para lutar primeiramente contra o projeto da sociedade de classe dominante que no campo, se traduz pelos latifundiários, que tentam a todo custo manter controle

político sobre a terra e as pessoas que nela vivem. Segundo Arroyo e Fernandes (1999, p. 05), “Todas essas mudanças vêm ocorrendo na educação do campo desde a primeira Conferência Nacional Por uma Educação Básica do Campo que aconteceu em Luziânia, GO, de 27 a 31 de julho de 1998”.

Percebe-se que ocorreram mudanças e grandes avanços em prol da melhoria para a educação do campo, mas, muito ainda precisa ser feito pra que se chegue à chamada educação do campo de qualidade, que seja adequada ao campo, ofertando a todas as famílias que lá moram, pois a mesma está sendo construída a cada dia no decorrer das lutas através dos movimentos sociais.

Para que Educação do campo avance tem-se a necessidade da construção de um projeto político e pedagógico que se adeque às realidades enfrentadas pelas famílias que vivem nessa região. Porém, a política educacional brasileira ignora a necessidade de um projeto específico para a escola rural. Percebe-se que estas experiências educativas não têm uma concepção simplista da educação, a imagem que sempre temos na academia, na política, nos governos é que para a escolinha rural, qualquer coisa serve.

Nota-se uma total falta de interesse do governo em prol de melhorias para a educação atual do campo, pois, predomina-se a ideia por parte deles que para se manusear instrumentos de agricultura não precisa de muitas letras. Em nossa história domina a imagem de que a escola no campo tem que ser apenas a escolinha rural das primeiras letras. A escolinha “cai não cai”, onde uma professora que quase não sabe ler ensina alguém a não saber quase ler.

Enfim, não se deseja uma escola no campo ou para o campo nem uma escola da cidade no campo, mas uma escola do campo, com a cultura, os valores, a luta do campo. Não se aceita levar as crianças e os jovens para a cidade, para um contexto que não é o deles. Não se trata também de algum modelo importado, mas de um modelo específico que vincule a educação escolar às questões sociais inerentes à cultura e à luta do campo.

A formação continuada para os educadores do campo é um fator de primordial importância, pois contribui de maneira significativa no aprendizado desses profissionais e fazer acontecer, se torna tarefa do técnico educacional, sendo agente responsável nesse processo que vive desafiado pela conjuntura educacional.

[...] o pedagogo enquanto técnico tem papel fundamental também na formação de professores no próprio local de trabalho, uma vez que está à frente de alguns espaços na escola que se, devidamente organizados, podem colaborar para a formação continuada dos professores. São eles: as reuniões, os conselhos de classe, o conselho de escola, processo de elaboração do PPP, a hora atividade. (ALMEIDA e SOARES, 2010 *apud* CARVALHO, 2013, p. 06).

Na verdade, em outras palavras, o trabalho do técnico educacional no campo está relacionado principalmente ao planejamento e desenvolvimento dos professores da escola, onde eles estão sempre preocupados em como está sendo a avaliação e, se os cursos ofertados nas formações continuadas estão facilitando no trabalho dos professores em seu cotidiano. Nesse sentido, o técnico trabalha de forma compartilhada, assessorando os docentes e precisa estar sintonizado com a gestão de trabalho pedagógico, buscando mecanismos para melhor atender a professores e alunos.

Portanto, o trabalho do técnico educacional se constitui em uma somatória de esforços; ação, parceria, articulação, informação, colaboração, orientação e diálogo, permitindo criar condições e/ou potencializar e dinamizar experiências com os professores, provocar mudanças, se tiver que ser melhorado a partir do desenvolvimento, conhecimento, atitudes e habilidades dos professores promovendo assim, melhorias no processo ensino-aprendizagem.

Embora se observe que não ocorra com tanta frequência, devido ter tão poucos profissionais para atender tantas escolas do campo, por isso seu papel é fundamental na formação de professores. Este profissional orienta a preparação, compreensão e análise do trabalho e prática docente e, se desenvolvido de maneira organizada e compartilhada por toda a equipe envolvida lhe permitirá pensar na construção e fortalecimento de uma escola de qualidade.

[...] os próprios professores, no exercício de suas funções e na prática de sua profissão, desenvolvem saberes específicos baseados em seu trabalho cotidiano e no conhecimento do seu meio. Esses saberes brotam da experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser. (TARDIF, 2002 *apud* CARVALHO, 2013, p. 07).

De acordo com o pensamento da autora sobre o saber dos professores, se trata de um conjunto de saberes, nos quais eles são adquiridos aos poucos, começando pela sua formação na faculdade, os saberes relacionados à cultura, os que se adquirem através de programas escolares que são essenciais, que demonstram

bastante aprendizados em seu plano de carreira. Também aqueles saberes que se adquirem com o passar do tempo, onde o professor se torna experiente através do contato com o aluno dentro de uma sala de aula, em sua vivência no cotidiano.

Assim, mesmo com todos esses saberes o professor, necessita contar com o apoio da formação continuada, pois, esta, é um componente de extrema importância para aprimorar seus conhecimentos, haja visto que nessas formações os docentes têm oportunidades de estudar, avaliar suas práticas educativas, trocar experiências com outros docentes, aprender a desenvolver novas ideias e técnicas, e, com isso aprendendo o real significado do saber-fazer e, saber ser na teoria e também na prática.

[...] O Técnico educacional pode e necessita desenvolver continuamente uma leitura proximal de sua realidade e dos atores sociais que compõem e vive o *savoir-faire* (saber-fazer). Neste caso, como agente responsável pela formação continuada de professores, o técnico deve sensibilizar seu saber-fazer de maneira a não unilateralizar as tomadas de decisão, como se tivesse todas as respostas para os encaminhamentos pedagógicos e resoluções de conflitos que inquietam a equipe docente. (LIMA; SANTOS, 2007, p. 78).

Conforme os autores, o técnico educacional dentre inúmeras funções que desempenha, tem a atribuição de favorecer o trabalho docente na escola de educação básica, e, como responsáveis pelas formações continuadas, ele precisa repassar seus conhecimentos de maneira que, estes estejam o mais próximo possível da realidade vivenciada pelos professores nas escolas do campo, e, mostrando para os mesmos que nem sempre as suas decisões e soluções dos problemas podem ser consideradas corretas.

Nesse sentido, o técnico educacional, mesmo que seja competente no auxílio aos professores diariamente ou mensalmente no processo do saber-fazer, cabe também ao professor procurar desenvolver os conhecimentos que foram adquiridos durante as formações desenvolvidas por estes profissionais e, mostrar que também são capazes diante dos problemas e dificuldades que precisam enfrentar no seu cotidiano e assim obterem bons resultados.

Desse modo, tal concepção deverá estar implícita ao trabalho do técnico, bem como de sua atualização, capacitação e formação profissional permanente. Acredita-se acredita que essas formações serão bastante proveitosas e nortearão ao professor ensinar e a solucionar problemas na ausência do técnico educacional. Visto que nas escolas do campo são tão poucas as visitas deste profissional e o professor em

algumas situações necessita ser coordenador, orientador e pôr em prática o que se aprendeu durante suas capacitações.

Cabe ao técnico juntamente com todos os outros educadores, exercer o “ofício de coordenar para educar” também aqui no sentido de possibilitar trocas e dinâmicas da própria essência da aprendizagem: aprender a aprender e junto com, essência do que se concebe como formação continuada de educadores. Não se trata de imaginar que cabe ao técnico sozinho realizar tantas tarefas, mais de compreender que este, estando a serviço do grupo no encaminhamento dos objetivos de buscar a superação dos problemas. Diagnosticados, possa promover a dinâmica coletiva necessária para o diálogo (LIMA; SANTOS, 2007, p. 84).

Nesse contexto, o técnico educacional antes de realizar as capacitações com os docentes, os mesmos devem estar sempre se inovando através de cursos de aperfeiçoamento, buscando sempre novas ideias e metodologias de ensino, já que nos dias atuais com as constantes mudanças é necessário está se atualizando constantemente. Fica evidente que a formação continuada é um trabalho em conjunto onde se aprende com a interação e a proximidade de ambos os atores sociais que são o técnico e o professor, ocorrendo a troca de experiências entre eles e deixando de lado as indiferenças.

Com isso, assumindo diferentes papéis, mas sem deixar de lado a principal atribuição que é formação de si e do outro como profissionais, aprendendo junto com o técnico que para se educar, todos os docentes exercem a atribuição de coordenador em suas salas de aulas e que todos os envolvidos por meio de um processo de socialização da aprendizagem e aperfeiçoamento são atores que participam dos mesmos interesses e finalidades. É fundamental ainda compreender que este profissional está para auxiliar nas resoluções dos problemas e, não que ele tenha a responsabilidade de solucionar todas.

Os saberes profissionais, em permanente desenvolvimento são construídos nas interações que se estabelecem entre o formando e o meio em que vive e atua. É uma abordagem sociopessoal, assentada numa metodologia de aprendizagem experiencial, de ação-formação-investigação, em que o formando constrói seu saber mediante a realização de diversas tarefas que o levam a assumir diferentes papéis e a interagir com pessoas distintas. O Técnico assume o papel de organizador e gestor de contextos de desenvolvimento e, simultaneamente, de facilitador da formação nesses mesmos contextos. (ALARCÃO, 2001, p. 27).

De acordo com o que diz a autora, os saberes dos professores estão em constantes modificações e isso ocorre de acordo com o meio onde ele está inserido,

trabalhando o desenvolvimento social e pessoal onde o docente precisa, primeiramente aprender através das suas experiências pessoais realizadas por meio de diferentes atividades e convivendo com outros profissionais, e construindo assim o seu saber para que possa ser aplicado em sociedade.

No entanto, cabe ao técnico educacional trabalhar junto ao professor, o processo de formação de ação e reflexão onde os professores devem refletir sobre o modo de como desenvolvem suas aulas teóricas e práticas, na medida em que precisam refletir sozinhos acerca do ensino e das condições sociais que lhe são impostas em suas vivências. O professor é considerado um agente social que tem direito e dever de ouvir a sua própria voz e de assumir a contextualização de seu próprio conhecimento profissional.

A formação continuada para com os professores de maneira que sejam revistos os conceitos trabalhados de tempos atrás, lá do magistério com os conceitos atuais desenvolvidos nas formações continuadas onde, se aprendem novas metodologias de ensino a cada dia, ao qual em Portugal não existia mais que a partir dos anos 90, isso mudou, pois se avaliaram e comprovaram que esta forma de aprendizado, poderia ajudar e manter a qualidade do ensino e da aprendizagem. (ALARCÃO, 2001, p. 30, 31). De maneira a ser vista não só o professor no contexto de sala de aula desenvolvendo com os alunos, mas num sentido mais abrangente da escola como lugar e tempo de aprendizagem para todos os envolvidos.

Portanto, à medida que as escolas foram conquistando autonomia, a função do técnico educacional ganhou mais liberdade perante seus trabalhos desenvolvidos para com os docentes e para si próprio, como organização que qualifica, mas que também se aprende e se desenvolve.

Mais que a descrição de métodos e técnicas de ensino, a ação do técnico educacional pode incentivar o estudo de princípios metodológicos, enfatizando, nas sessões de estudo, elementos pontuais para a escolha do método, como: a) a consideração das relações entre professores, alunos, objetivos, conteúdo, avaliação e recuperação da aprendizagem; b) a consideração do aluno e de seus interesses, que emergem tanto de sua vivência, quanto do movimento social (os fatos, os eventos, os problemas) e suas motivações [...]. (RANGEL, 2001, p. 65).

Nesse contexto, o técnico educacional, além apresentar diferentes modalidades de ensino a ser desenvolvido em sala de aula entre professores e alunos, ele é um grande incentivador no que se refere aos novos métodos e técnicas, que surgem a partir do que é ensinado aos professores onde estes poderão buscar o

aperfeiçoamento do que já foi apresentado, dependendo das situações que irão aparecer em seu cotidiano.

Considerando tudo que foi citado, para que o professor desenvolva seus métodos e técnicas com êxito, ele precisa dominar os instrumentos necessários para o desempenho competente de suas funções e ter a capacidade de tematizar a própria prática refletindo criticamente a respeito dela e conhecendo bem os conteúdos curriculares.

Desse modo, o professor sob a orientação do técnico educacional deverá se planejar desenvolvendo situações de ensino e de aprendizagem, estimulando as interações sociais de seus alunos e administrando com tranquilidade as situações de sala de aula. Ainda é importante conhecer, aceitar e valorizar as formas de aprender e interagir de seus alunos, respeitando suas diversidades culturais e sabendo lidar bem com elas, comprometendo-se com o sucesso dos estudantes e com o funcionamento eficiente e democrático da escola que atua. Sendo assim, os alunos se tornam seres humanos capazes de continuar aprendendo e cidadãos responsáveis e participativos, integrado ao projeto da sociedade em que vive e, ao mesmo tempo crítico de suas aprendizagens.

Os educandos são levados para a escola com o objetivo de que aprendam conteúdos e desenvolvam competências que os preparem para a vida, enquanto os docentes esperam que cheguem à sala de aula interessados em aprender, prontos para o convívio social e para o trabalho disciplinado.

Mais recentemente o técnico escolar ganhou uma nova dimensão, mais dinâmica e com maior potencial de eficácia a longo prazo [...]. Essa linha de ação condiz com as colocações feitas com relação ao papel do professor na escola e a necessidade de assisti-lo para que melhor desempenhe esse papel. Ela direciona ao técnico para assumir funções relativas ao treinamento de professores, nas mais variadas formas; à observação e feedback ao seu desempenho; à realidade de entrevistas de ajuda, tanto individualmente como em grupos; à realizações de reuniões, etc. (LUCK, 2008, p. 21).

Conforme citado pela autora, o trabalho do técnico educacional em relação ao aprendizado dos docentes na formação continuada tornou-se mais prazerosa tanto para os técnicos como para os docentes, de acordo com a maneira que eles vem desenvolvendo suas atividades, onde estas são trabalhadas, sem tanta pressão para com o professor como eram feitas antigamente, onde se preocupava apenas com o ensino-aprendizagem do aluno e esquecendo que, para que ocorra a melhoria do

ensino é necessário observar e aperfeiçoar os conhecimentos dos professores que são os atores que estão envolvidos.

Neste processo, mais recentemente como isso mudou, os técnicos, vem conquistando cada vez mais espaço em relação aos conhecimentos, habilidades e atitudes, pois precisam estar presentes e atuando em diferentes formas, dando suporte necessário, junto ao professor seja através de instruções. Este profissional esclarece dúvidas ou por meio de métodos e técnicas que podem ser aperfeiçoadas e que podem ser inseridas no cotidiano do docente, tanto no individual quanto no coletivo.

Em vista dos problemas expostos, preconiza-se que o técnico educacional assuma funções de assistência ao professor, aos pais, às pessoas da escola com as quais os educandos mantêm contatos significativos, no sentido de que estes se tornem mais preparados para entender e atender às necessidades dos educandos, tanto com relação aos aspectos cognitivos e psicomotores, como aos afetivos. (LUCK, 2008, p. 28).

Nesse sentido, para que se obtenha um ensino-aprendizagem de qualidade é necessário que as atenções do técnico educacional estejam voltadas não só, para o professor, mas, também para os pais e a todos que direta ou indiretamente convivem com o educando e participam de sua vida escolar. Acreditamos que, quanto mais se tornarem conhecedores dos aspectos citados acima e, forem instruídos da melhor forma sobre como agir de acordo com as habilidades e necessidades dos alunos, se sentirão mais seguros e preparados para ajudar no ensino-aprendizagem dos educandos.

Visto que no contexto escolar existem crianças que denotam uma ótima desenvoltura em relação aos aspectos cognitivos, mas que precisam ser compreendidas e trabalhadas mais em outros aspectos, por isso existe essa preocupação por parte deste profissional que é o técnico educacional, que ele esteja cada vez mais envolvido nesse processo, em busca do aperfeiçoamento dos professores, pais ou responsáveis dos alunos. Fica entendido que, o professor é a figura central na formação dos educandos, é ele quem irá ajudar no desenvolvimento do aluno, que lhe dará motivação pelo gostar ou não da escola, mostrando no seu cotidiano sua importância e seu valor como cidadão e a sua capacidade de aprender dependendo de qualquer que seja a sua necessidade. Portanto, o trabalho coletivo junto ao técnico educacional contribuirá certamente para o sucesso escolar.

2 DESAFIOS NA ORGANIZAÇÃO DAS CLASSES MULTISSERIADAS E O PAPEL DO TÉCNICO EDUCACIONAL

2.1 O TÉCNICO EDUCACIONAL E O TRABALHO DOCENTE NAS CLASSES MULTISSERIADAS

Quando se fala de turmas multisseriadas, estamos falando de classe multisseriadas com unidocentes, ou seja, se trata de uma sala com a junção de vários alunos, de diferente faixa etária e séries, com a presença de um único docente ministrando aula para todos eles, e, que também presta serviço como responsável da escola. Essa modalidade tem sido uma realidade muito comum de muitos filhos de trabalhadores que vivem no campo.

As escolas multisseriadas nasceram como opção política de atender a uma população historicamente excluída da escola. Tal atraso na oferta educacional é muito mais visível em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Devido a este fato, há décadas organismos internacionais vêm discutindo e fazendo acordos de modo a superar esses atrasos históricos, e até mesmos os próprios trabalhadores rurais que vive em meio às lutas constantes através de movimentos sociais.

Para Parente (2014, p. 57), evidencia-se que a multisseriação no Brasil “é resultado de uma necessidade e não de uma opção pedagógica. Porém, a multisseriação proveniente de uma necessidade deve avançar para a busca de alternativas pedagógicas”. Como diz a autora, essa é uma situação bem presente, principalmente nas escolas do campo que vivenciam essa realidade quando não se atinge o número suficiente de alunos por turma.

Nesse contexto, a insuficiência de alunos para formar turmas/séries separadas é um fator contribuinte para que a multisseriação aconteça, visto que nesses casos muitas famílias que moram e trabalham no campo ou em lugares bem longínquos de difícil acesso, que não tem como seus filhos frequentarem escolas com seriação e acabam aceitando esta modalidade de ensino por falta de opção.

Porém, as escolas multisseriadas pelo fato de ter surgido pela necessidade enfrenta vários históricos de problemas educacionais como: escassa infraestrutura falta de recursos pedagógicos, administrativo, recursos humanos, condições precárias de trabalho e formação docente, além do preconceito que sofre, não justifica que se

aceite que fique do jeito que está deve-se ir à luta, não desistir correr atrás de incentivos de políticas públicas para as melhorias desse ensino aconteça.

A Constituição brasileira de 1988 afirma que a educação como direito de todos e dever do Estado e da família. Este direito é reafirmado pelo Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990 e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996.

Mais recentemente, o Conselho Nacional de Educação aprovou duas diretrizes específicas em relação à educação do campo: Resolução CNE nº 01/2002 que estabelece as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica das Escolas do Campo, e Resolução CNE nº 02/2008 que estabelece as Diretrizes Complementares, Normas e Princípios para o Desenvolvimento de Políticas Públicas de Atendimento da Educação Básica do Campo. Ambas afirmam o modo próprio de vida da população do campo e expõem diretrizes para a garantia da universalização do acesso, da permanência e do sucesso escolar com qualidade em todo o nível da Educação Básica para a população do campo. (PARENTE, 2014, p. 62, 63).

Segundo as resoluções acima, houve a necessidade de uma melhor adaptação às prioridades existentes no campo, pois as mesmas eram ignoradas sem levar em conta as peculiaridades presentes nessa região tais como: conteúdos programáticos, tempos climáticos, épocas de colheitas e etc. fatores esses que contribuíam negativamente para o não cumprimento do calendário escolar.

Com a inserção dessas novas leis, houve um melhor aproveitamento em relação ao ensino-aprendizagem, pois foi em vista das mesmas que, se lançou um olhar mais crítico para o cotidiano do campo, para o que é trabalhado e, voltado para as pessoas que lá vivem, respeitando seu modo vida, e buscando através das adequações melhorias na qualidade da educação.

De acordo com Hage (2005, p. 71) “as escolas multisseriadas, em que pesem todas as mazelas explicitadas, têm assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar da grande maioria dos sujeitos no campo”. Por isso pode ser observado que por mais que esse ensino venha sendo criticado, ele assume um papel político e pedagógico muito importante para toda a população do campo, pois segundo pesquisas o Brasil apresenta um grande número de escolas multisseriadas existentes e em plena atividade.

Além disso, são estas escolas as responsáveis pela educação do grande contingente de brasileiros, ainda hoje. Sendo que se não fossem elas, as altas taxas de pessoas analfabetas que sempre marcaram a história da educação nacional com

certeza se apresentariam muito mais numerosas, por essa razão as escolas de classes multisseriadas assumem uma importância significativa nas áreas em que se situam e vem sendo fator de inúmeras pesquisas.

Desse modo, pensemos nos desafios enfrentados pelos técnicos educacionais que coordenam as escolas multisseriadas na educação do campo neste vasto contexto brasileiro. Para Santos (2011, p. 68), “Os impactos provocados pelo programa de reformas neoliberais são visíveis na educação brasileira na atualidade, especialmente na educação destinada aos povos que vivem e sobrevivem do campo em nosso país”. E, essas políticas educacionais de cunho neoliberal vêm se movimentando e penetrando nesses espaços educacionais como uma epidemia, dificultando as lutas pela estabilidade da educação, e impedindo de acontecer mudanças que garantam uma educação que seja específica e de qualidade.

No que diz respeito às políticas neoliberais, elas visam mecanismo em relação ao controle e a qualidade do sistema educativo de modo a preparação para o mercado de trabalho, e acredita-se dentro dessa lógica que a educação do campo está longe de se atingir essas metas que são exigidas, considerando este ensino como um atraso para a educação do país e menos competente.

Essa conjuntura traz modificações para o trabalho educativo em termos de maior controle pedagógico, e menor autonomia do professorado sobre o seu fazer e pensar e, principalmente, um aumento da intensificação do trabalho. [...] Como parte desse movimento, novos requisitos educacionais passaram a ser exigidos do professorado e das escolas: o princípio da competência e modelos gerencialistas de avaliação do sistema são alguns deles. (MOURA; SANTOS, 2012, p. 67, 68).

Porém, por mais que as lutas dos movimentos sociais continuem incessantemente em busca de perspectiva e melhorias para o campo cada vez mais surgem novos obstáculos nas conjunturas educacionais, e cabe ao profissional técnico pedagógico que atua diretamente com os docentes e discentes de classes multisseriadas traçar uma proposta diferenciada e articulada com o saber-fazer do campo.

No que diz respeito às metas estabelecidas e impostas por esse tipo de governo a educação multisseriada está distante de se atingir o objetivo proposto, visto que dessa forma se atinge primeiramente o trabalho do professor que atua nessas turmas, que são pressionados a fazer o que lhe é imposto no sistema, e acabam perdendo

por deixar de exercer sua autonomia em relação ao seu trabalho e ao mesmo tempo, sofrem com a pressão do aumento de atividades educacionais.

Dessa maneira, novas exigências são feitas tanto por parte dos docentes como também o mesmo requer da instituição escolar, adequação a esse modelo. Entretanto, neste contexto desfavorável onde o que pesam são as políticas de controle e regulamentação das atividades docentes, esses profissionais são aprisionados de certa forma no seu pensar e fazer.

O Programa Escola Ativa é um dos programas que compõe o “kit neoliberal” para as escolas do campo. [...] Voltado exclusivamente para as classes multisseriadas, o projeto consiste em uma proposta metodológica fundada em princípios escolanovistas, de bases eminentemente psicopedagógicos, de cunho gerencialista, que desconsidera as contribuições da Sociologia e da Filosofia da Educação, da Antropologia, da Política, etc.[...]. Além disso, o programa representa um “pacote pedagógico” instrumental, com tempos, ritmos e conteúdos prévios e rigidamente determinados que incidem fortemente contra a autonomia do trabalho docente dos professores que atuam nas classes multisseriadas (MOURA; SANTOS, 2012, p. 68,69).

Como afirmação acima, esse programa que veio para auxiliar na educação voltada para essas classes multisseriadas, em vez de ajudar, nada mais é que uma maneira disfarçada de enganar. O Programa Escola Ativa contempla as orientações das políticas oficiais e do planejamento pedagógico definido pelos programas oficiais e pelos técnicos das secretarias de educação, pois as mesmas ignoram propostas metodológicas que fujam dos princípios e padrões impostos por esse tipo de sistema. Nesse meio está o técnico educacional que deve rever os materiais e programas curriculares recebidos pelas Secretarias e orientar os professores a adaptá-los à realidade dos alunos, de forma a promover a aprendizagem com qualidade.

Por isso, esta foi uma forma encontrada para introduzir essas políticas na educação multisseriada, através do kit neoliberal inserindo um pacote pedagógico, no qual ele vem determinando o que e como devem ser o trabalho ministrado pelos professores, com isso dificultando a autonomia do fazer docente. Muitas das exigências impostas fogem do cotidiano vivenciado tanto por parte dos professores como dos alunos, dentro dessa lógica coloca esses profissionais como autor e sujeito de sua prática.

Portanto, em razão disso o planejamento pedagógico procura construir com os professores que atuam nessas turmas estratégias didáticas que possam, segundo o olhar da equipe técnica pedagógica das Secretarias, superar esse quadro de “fracasso

escolar”, do qual centenas de alunos são vítimas todo ano, devido a esse modelo e fazendo com que o trabalho do professor de classes multisseriadas denotem um sentido negativo e comparando os mesmos com menos capacidade de atuação em suas atividades que os professores de turmas seriadas.

Ainda, afirmado por Santos e Moura (2010, p: 72), “A falta de um olhar mais sensível dessas políticas tem levado professores que atuam nas classes multisseriadas a vivenciarem processos formativos, práticas, orientações para o trabalho pedagógico e um currículo que são *alienígenas* ao contexto da educação das classes multisseriadas”. Por isso, em razão dessa situação que predomina, muitos professores devido essa precária situação de trabalho acaba deixando de atuar nestas classes, e, outros mesmo enfrentando muitas dificuldades ainda atuam nelas devido a falta de opção ou até mesmo por influência política, pois os aspectos dos conteúdos do plano curricular não condizem com a realidade vivenciada por professores e alunos que moram no campo.

Esses fatores têm se constituído em grandes entraves para o trabalho do técnico educacional que deve desenvolver ações de formação e práticas pedagógicas que promova a qualidade da educação nas classes multisseriadas. Assim, é necessário que a equipe técnica da Secretaria de Educação, em conjunto com os professores elaborem um projeto político-pedagógico que traduza o cotidiano escolas do campo, mais especificamente com classes multisseriadas.

Apesar das condições precárias, do escasso material, da formação que poderíamos considerar insuficientes de seus professores, em muitas delas acontece um trabalho de qualidade, com aprendizagem significativa por parte dos alunos. Um conjunto de fatores, tais como o compromisso com a comunidade, uma cultura compartilhada e a consciência política de alguns professores (aliada à busca de formação), parece desempenhar um papel importante nas escolas, como pudemos constatar em nossa pesquisa de campo (SILVA; CAMARGO; PAIM, 2008 *apud* MOURA e SANTOS, 2012, p. 78).

Por outro lado, em relatos durante as pesquisas das autoras elas observaram que esse ensino pode apresentar bons resultados no ensino-aprendizagem dos alunos dessa modalidade. Apesar das constantes dificuldades que cercam esse contexto em termos de materiais pedagógicos, infraestrutura e a falta de formação desses profissionais. Porém, apesar de todos esses fatores que dificultam o trabalho dos técnicos e dos docentes, os mesmos permanecem comprometidos em seu trabalho, buscando apoio da de toda comunidade e promovendo ações, no qual todos

possam participar e dá sua parcela de contribuição, fazendo com que a escola consiga alcançar resultados bem significativos.

Como pode ser observado em relação ao trabalho das Secretarias de Educação durante esses anos em que existem as turmas multisseriadas, nota-se que ocorreram poucos avanços no que diz respeito a construção de uma pedagogia específica para as classes multisseriadas, e isso se deve ao fato da ausência de um técnico educacional específico nas escolas do campo e classes multisseriadas.

[...] buscamos apontar a existência de uma “pedagogia das classes multisseriadas” oriunda das experiências, saberes e autonomia dos professores que lá atuam e que tem funcionado, no contexto das políticas de regulação do MEC (que tem atingido a formação e o trabalho docente) como uma perspectiva contra-hegemônica na medida em que revela outras possibilidades formativas e de práticas concebendo os professores como “sujeitos” e “autores” de seu fazer pedagógico. (MOURA; SANTOS, 2012, p. 74).

Na opinião dos autores já há a existência de uma pedagogia para as classes multisseriadas, aquela construída através das experiências e saberes que os próprios docentes constroem, e que tem conseguido atingir seus objetivos propostos, aquela nascida no dia-a-dia, cotidianamente pelos professores e aperfeiçoada ao longo dos cursos de formações docentes e, com isso gerando muitas outras possibilidades de metodologias a serem aplicadas.

Também segundo os autores, as Secretarias de Educação devem ter um olhar diferenciado com relação à realidade do campo, procurando entendê-la e compreendê-la buscando não desconsiderar o que já existe no campo, aproveitando e trazendo para o aprendizado dos mesmos, e não considerando o que vem de fora do contexto do campo para que os professores sejam sujeitos e autores capazes de seu fazer pedagógico.

Evidencia-se a importância dos Movimentos Sociais do Campo para a educação e estão embasados no que é garantido na LDBEN 9.394/96 que, em seu Artigo 28:

Na oferta de educação básica para a população rural, os sistemas de ensino promoverão as adaptações necessárias à sua adequação às peculiaridades da vida rural e de cada região, especificamente:

I – conteúdos curriculares e metodologias apropriadas às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II – organização escolar própria, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às

condições climáticas; III – adequação à natureza do trabalho na zona rural. (ROCHA, 2009, p. 07).

Quando um sistema de ensino opta pela multisseriação em algumas escolas e turmas, em muitos casos tal opção não vem associada a um conjunto de orientação pedagógica. Portanto, como está previsto na Lei em relação à educação destinada ao campo, cabe ao técnico educacional promover juntamente com a instituição escolar as adaptações necessárias de forma que possa atender a esse alunado sem prejudicar tudo que faz parte de seu cotidiano.

Desse modo, devem ser levados em conta vários fatores como, os conteúdos e as metodologias aplicadas de maneira que estas estejam presentes em sua vivência, e, quando necessário fazer mudanças em relação ao calendário, visto que muitos alunos precisam ajudar seus familiares. Entretanto, os alunos precisam se ausentar da escola por alguns dias por terem que se dedicar ao cultivo e a colheita. Períodos chuvosos que dificultam o acesso desses alunos frequentarem a escola, por isso ao invés de importar modelos dentro da lógica da cidade deve-se buscar reconhecer o multisseriamento como um fenômeno rico e permanente capaz de promover um ensino de qualidade.

O que temos constatado é que o planejamento pedagógico para as classes multisseriadas, orientado pela racionalidade da regulação, tem exigido dos professores que lá atuam a seguirem a lógica da seriação, pela ausência de uma equipe técnica pedagógica que auxiliem os professores no planejamento de tal forma que os conteúdos de cada série sejam ministrados.

Assim, ao final do período de planejamento, o docente encontra-se diante de um amontoado de planos, copiados de outrem, iguais para toda a rede, demonstrando claramente uma política de regulação e racionalização do trabalho pedagógico. E some-se a isso, a ausência de um técnico educacional que o auxilie no direcionamento das atividades para as especificidades das escolas do campo e, conseqüentemente, de classes multisseriadas.

2.2 O TÉCNICO EDUCACIONAL E O PAPEL DA FAMÍLIA

Para obter êxito em sua função, é de fundamental importância para o técnico educacional que haja apoio por parte da família dos educandos, pois dessa maneira o seu trabalho fluirá com mais sucesso. Conforme o 1º Artigo da LDB 9.394/1996, a

educação é o conjunto de processos formadores que passam pelo trabalho, pela família, pela escola, pelo movimento social, e "Toda educação escolar terá que vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social".

[...] Esta tem que ser a marca de vocês. Porque, se alguém não pode renunciar a essa marca, são vocês que lutam pela terra, por outro modelo de produção e de educação básica. Não é só levar toda criança do campo à escola. Vocês defendem a alternância entre família, trabalho, escola, ou uma proposta de educação básica como síntese orgânica entre as experiências na vida familiar, produtiva, da rua, do campo, do trabalho e a projetos educativos. (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 14).

Os autores chamam a atenção dos pais dizendo que, pode-se aprender em diferentes lugares não é tão somente na escola. Certo que a escola é de fundamental importância na vida dos alunos, pois a mesma trabalha com objetivo de transformá-los em futuros cidadãos, mas, dentro desse lugar pode se dizer que não é única e exclusiva, que também se aprende e se ensina fora da escola. Pode se adquirir aprendizado juntamente com seus familiares, durante as lutas sociais, ajudando seus pais em trabalho no campo, na igreja, em reuniões comunitárias, e outros.

Portanto, a educação pode ser considerada um conjunto de diferentes formas de aprendizado construídos no dia-a-dia, e o técnico como auxiliador nas propostas pedagógicas precisa conhecer e compreender dentro dessa lógica quão é grande a importância da família nesse processo, pois ela é um elo essencial que faz toda diferença na vida da criança, e o técnico em sua função unido com os demais docentes precisam estar atentos, visto que o aluno quando vem a escola já traz uma bagagem, ou seja, um aprendizado que já é despertado e construído em seu lar a partir da vivência de seus familiares e outros grupos sociais.

A escola tem que se preocupar com o direito social e ao saber, pois é através deles que são representados uma nova consciência por parte das crianças, dos jovens e adultos sobre os direitos, à terra, ao trabalho, dignidade, ao conhecimento, a cultura e a saúde.

Quantas vezes acompanho os deveres de casa dos meus filhos e me pergunto: Coitados, a quantidade de besteiras que têm que aprender e enfiar nas suas cabeças. O bom é que nossas crianças têm uma capacidade seletiva. Aprendem para a prova e depois esquecem porque nas suas cabeças têm que colocar algo mais importante. Que quero dizer para vocês? Por favor, os currículos das escolas básicas do campo não podem reproduzir o conjunto de saberes imiteis que estamos agora retirando da própria escola da cidade. O homem e a mulher do campo e da cidade têm saberes mais

sérios a aprender e a dominar. E para isso se coloca uma questão séria: Que currículo? Insisto que não seja apenas um conjunto de saberes utilitário. Só aqueles saberes que sejam básicos para a vida do campo, para sobreviver, nem para se adaptar às novas tecnologias. (ARROYO; FERNANDES, 1999, p. 16,17).

Desse modo, como cita os autores, existe uma ampla preocupação por parte da família em relação aos tipos de conteúdo que estão sendo aplicados em sala de aulas, para que não se tenha o propósito apenas de ensinar o aluno a ler e a escrever, e, sejam deixados de lados, o que a história da educação do campo sempre defendeu, sendo essencial que os saberes transmitidos devem ser importantes e úteis como mexer com a enxada, ordenhar vaca, plantar e colher, levar para as feiras, coisas nesse sentido, até podem ter conhecimento sobre a modernização com o uso de tecnologias, porém, valorizando sempre o que está ao seu alcance no meio onde o mesmo está inserido.

Mas que, sejam traçadas metas que não sobrecarreguem os discentes, com currículos que se utilizem no seu cotidiano, mas fora dele, um projeto de educação que incorpore uma visão mais rica de conhecimento, de valores, digna do campo etc. Que possa preparar esses futuros cidadãos a realização plena, do ser humano como humano e não conteúdos que os levem para longe de sua realidade.

Diante de um cenário em que a relação família-escola (ou, no caso aqui enfocado, escola-família) tem sido enfatizada nas pesquisas em educação, buscando entender como essas duas instituições têm empregado ações combinadas no sentido de favorecer as trajetórias escolares, surpreende que poucos estudos contemplem o papel do coordenador pedagógico nesse processo, principalmente ao se considerar que este é um agente mediador que busca conciliar a organização escolar e as demandas das famílias. (SILVA; FACHINI, 2015, p. 55).

De acordo com o que foi citado acima, a relação família-escola são instituições que, necessariamente dependem uma da outra, cada uma tem sua parcela de contribuição e responsabilidade no suporte a educação dos futuros cidadãos. Por serem dois elos muito importantes, os mesmos têm ganhado destaque em vários estudos realizados.

É interessante comentar que o técnico educacional sendo um agente mediador responsável para que essa relação aconteça, nesse processo de unir a escola-família tenha despertado tão pouco interesse por parte desses estudos em, conhecer mais a fundo como é feito o trabalho desse profissional que, também é tão essencial, mas, que parece ser invisível aos olhos da sociedade.

A dissertação de mestrado de Moraes (2008), [...] traçou um perfil das famílias das crianças de maior e menor rendimento escolar, observando que aquelas cujos filhos tinham um bom desempenho eram, em sua maioria, empregadas, com uma melhor escolaridade, de tipologia de família nuclear e acompanhavam com maior assiduidade a vida escolar das crianças. Por outro lado, as famílias cujos filhos tinham baixo desempenho eram, em sua maioria, de tipologia extensa/ampliada, com baixa escolaridade, desempregada e acompanhavam pouco as atividades desempenhadas na escola. (SILVA; FACHINI, 2015, p. 56).

Conforme os autores, isso não justifica que são pessoas que não dão o devido valor ao estudo de seus filhos, pois se pensarmos com relação às pessoas que moram no campo podemos nos deparar que existem as duas situações. As famílias presentes e aquelas famílias ausentes, e o técnico educacional juntamente com os professores são essenciais para a mudança dessa situação, procurando melhores oportunidades de reestabelecer o vínculo com as famílias distantes da escola e, assim provocar a melhoria do desempenho dos educandos com baixo rendimento escolar.

É importante que atividades pedagógicas sejam planejadas de forma a promover o compartilhamento de algumas ações com familiares. Nesse sentido, os professores podem propor aos alunos a elaboração de enquete com pais e a comunidade a respeito das fontes de conhecimentos e informações que mais utilizam. A enquete também pode abordar a importância de valorizar o conhecimento, a aprendizagem e os professores. O coordenador pedagógico pode apoiar e planejar conjuntamente com professores todo o processo de elaboração da enquete com os alunos. (MACHADO et al, 2014, p. 27).

Do ponto de vista da autora, a família é uma das partes essenciais para o bom aprendizado de seus filhos, sua participação e interesse faz toda a diferença no ambiente escolar. É fundamental que todos que fazem parte do grupo escolar, professores, gestores e técnicos trabalhem de maneira onde possam estabelecer um vínculo com a família, pois, dessa forma, todos ganham e, principalmente o aluno. Já existem as reuniões de pais e datas festivas na escola, no qual os pais são convidados a se fazerem presentes.

O técnico apoiará e, junto com demais profissionais deverão promover ações planejadas capazes de criarem maneiras para que os pais se envolvam e participem dessas ações, pois a intenção é estreitar os laços, as relações entre família e escola. Fazer com que eles conheçam o que seus filhos estão a aprender em sua formação e como poderão auxiliá-los, e deem o devido valor à construção coletiva de conhecimentos. É importante também que compreendam que a escola está aberta a participação da comunidade, para que assim eles possam conhecer melhor o trabalho

integrado entre professores, alunos, gestor e comunidade escolar incluindo ações do conselho escolar e, reconhecer o trabalho desses profissionais de educação que não medem esforços em promover uma educação de qualidade.

Conforme o texto de Carrasco (2014, p. 81) afirma que, “provavelmente muitos professores indicarão a necessidade de envolver a família na educação dos filhos, o valor de acreditar no potencial de cada um e a relação dessas duas condutas com um futuro de sucesso”. Portanto não é somente os laços entre a família e a escola que precisam se estreitar para conquistar êxito, muitas vezes se percebem que não existe esse estreitamento em casa entre pais e filhos, o que dificulta o processo educacional.

Vários encaminhamentos são feitos por parte dos técnicos e professores juntos aos alunos para que essa relação aconteça, a começar pelas atividades de casa que precisam de atenção dos familiares e, assim surgirão diálogos com os pais sobre vários assuntos de estudos e o interesse em saber o que o filho aprendeu? O que mais gostou de aprender e os planos que os filhos têm para sua vida profissional futuramente, conversas desse tipo que poderão fazer com que pais e filhos se tornem mais próximos um do outro e melhorando a convivência dos dois.

Na tese de doutorado em Educação de Moreno, 2012, intitulada “A relação professor-escola-família na educação da criança de 4 a 6 anos”. [...] Os dados analisados revelaram a importância de estudos e discussões sobre a diversidade de arranjos familiares na escola e do contato direto de professores e equipe técnica com as famílias, diversificando os instrumentos de comunicação e as estratégias de trabalho junto a estas, além da importância da lição de casa como um meio de favorecer essa aproximação. Também foram revelados encontros e desencontros de ideias entre os agentes pesquisados. Em ambas as instituições, a participação da família na elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) revelou-se baixa ou ausente. (SILVA; FACHINI, 2015, p. 59).

Dessa forma, pode analisar que, esse assunto precisa ainda de muitos estudos para o total entendimento das funções de cada um dos atores envolvidos, que ainda é necessário mais entendimento e que sejam verificadas as estratégias que estão sendo adotadas pela escola para incentivar a participação das famílias, dos professores e também dos técnicos educacionais na educação das crianças.

No decorrer de seus estudos observou-se que nessa relação professor-escola-família existem inúmeros fatores que necessitam de ajustes e através desses dados podem-se conhecer mais detalhadamente as situações existentes no cotidiano escolar que muitos desconhecem a família sendo um desse agente tão importante

precisa se dar conta do quanto é útil nas ações desenvolvidas na escola e, está consciente de seu papel assim, como os demais agentes.

Portanto, em cima disso, vemos o quanto é importante o papel do técnico educacional na formação continuada dos professores e em relação à educação dos alunos, e o acompanhamento da família, o qual só vem a colaborar com esse aprendizado fazendo assim, com que essas pessoas tornem-se cidadãos ativos no meio em que estão inseridos. Essencialmente, no entanto, o técnico educacional exerce funções de formador dos professores e mediador na relação entre a escola e as famílias.

2.3 DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO PARA O TÉCNICO EDUCACIONAL

As escolas do campo e, conseqüentemente, as classes multisseriadas ou unidocentes são um desafio às políticas públicas do campo, uma vez que apresentam historicamente um quadro da ausência do Estado e de gestão deficitária. Por essa razão, têm sido constantemente criticadas pela baixa eficiência e qualidade:

[...] o problema das turmas multisseriadas está na ausência de uma capacitação específica dos professores envolvidos, na falta de material pedagógico adequado e, principalmente, a ausência de infraestrutura básica – material e de recursos humanos – que favoreça a atividade docente e garanta a efetividade do processo de ensino aprendizagem. Investindo nestes aspectos, as turmas multisseriadas poderiam se transformar numa boa alternativa para o meio rural, atendendo aos anseios da população em dispor de uma escola próxima do local de moradia dos alunos, sem prejuízo da qualidade do ensino ofertado, especificamente no caso das séries iniciais do ensino fundamental. (Cadernos SECADI, 2007, p. 22).

Conforme analisado pelos autores há muitos problemas nessa modalidade de ensino que na maioria das escolas está sendo ofertado principalmente ao povo do campo, quando se fala de melhorias em prol desse ensino, nem se fala, por que as lutas das políticas públicas é fator constante em relação às dificuldades vivenciadas em seu dia a dia, que, ainda tem que conviver com as duras críticas de que o ensino não presta.

Nas falas dos autores, as turmas multisseriadas necessitam de soluções urgentes, pois, os professores não são atendidos como deveriam, com capacitações específicas, os materiais não é adequado ou mesmo a ausência deles dificulta o trabalho dos docentes para que, os mesmos possam desenvolver uma boa aula e atingir o aprendizado dos alunos. Outro fator é a falta de infraestrutura necessária para

que as aulas aconteçam de maneira agradável de forma que os alunos obtenham um ótimo aprendizado.

Enfim, muitos desses problemas se existissem outro olhar por parte do estado, seria totalmente diferente da realidade vivenciada, e não se transformariam em grandes desafios que ficam a cargo do técnico educacional, tentar solucionar ou amenizar o que não é tarefa fácil, mesmo que não se der o enfoque maior para o papel que ele assume, deixando o mesmo multifacetado desempenhando inúmeras funções e, colocadas sobre ele expectativa de soluções para esses determinados problemas. No entanto, se tivesse a participação dos governos assim, como o técnico desempenhando sua função junto aos professores do campo, com certeza seria de excelente qualidade e ajudaria muito o povo que vive no campo e, mudaria completamente essa visão com relação aos alunos que estudam nas escolas multisseriadas.

Uma das grandes tarefas dos educadores é acabar com as estruturas excludentes que existem dentro da escola. É verdade que o capitalismo no campo exclui da escola. É verdade, que exclui também o trabalhador das cidades. Mas, tem muita culpa a própria escola. A escola tem que se rever profundamente para ser democrática nas suas estruturas. Não é suficiente falar que temos de socializar a todos o conhecimento, e continuar reprovando mais de um terço. O que temos de fazer com a repetência é acabar com a vergonha da reprovação e do analfabetismo. Vamos erradicar o analfabetismo no campo! Essa planta está nascendo e se alimenta dentro da escola. (ARROYO; FERNANDES, 1999 p.18,19).

Segundo os autores, dentre as inúmeras situações que existem na educação do campo, um problema que tem chamado bastante atenção é o da exclusão que existe dentro do próprio sistema de ensino, começando pelo plano curricular que é distribuído a essas escolas que fogem totalmente de sua realidade, e que acaba de certa maneira excluindo essas pessoas que precisam.

No entanto culpa-se a própria escola porque impõe um sistema que seleciona na hora do resultado sobre a aprendizagem, reprovando, se o aluno não conseguiu alcançar o objetivo esperado. Portanto é necessário que sejam revistos os termos dos quais condiz que os conhecimentos são oferecidos a todos, se o índice de alunos reprovados ou até mesmo analfabetos, só aumenta, tornando-se a cada dia um fator preocupante em nosso país. E como o técnico educacional enfrentará essa situação?

Existem algumas razões para que o exercício do técnico educacional não se dê de forma plena, a saber:

1) a relação (de poder) que há entre direção e coordenação; 2) relação do sistema de ensino com a coordenação pedagógica, que muitas vezes faz com que esse agente precise comparecer a eventos promovidos pelos órgãos centrais em momentos em que deveriam estar com os professores; 3) o entendimento, por parte dos professores, sobre a função do coordenador: ora como alguém que vá apresentar ideias para as aulas, ora para interceder junto aos pais para defender os docentes e/ou exigir que eduquem bem seus filhos. (SILVA; FACHINI, 2015, p. 58).

Conforme os autores, se não bastasse às muitas dificuldades enfrentadas com alunos, docentes e demais funcionários, o técnico educacional precisa conviver ainda com a luta da relação de poder com a direção escolar, que diariamente assola o cenário escolar. Essa relação de poder que só atrapalha o desenvolvimento do trabalho na escola, dificultando a realização de seus afazeres e acabando muitas vezes por desviar o técnico de suas reais funções.

Nesse contexto, há situações em que este profissional poderia está a realizar seus trabalhos com os docentes ou mesmo com os alunos ele está resolvendo situações burocráticas fora do ambiente escolar a pedido da direção. Outra questão além desses citados é que, ainda não ficou esclarecido sobre suas funções perante os professores, que o mesmo é um mediador no contexto educacional ao apontar possibilidades no fazer dos professores e intermediar o diálogo entre pais e docentes.

Embora consideradas de segunda categoria, as escolas multisseriadas vem resistindo e fecharam o século XX totalizando 134.545 turmas em todo o território nacional; em 2007, embora tenha sofrido uma redução de cerca de 30%, contavam ainda com 93.884 turmas. A precariedade dessas escolas é denunciada nas poucas investigações existentes. Em suas pesquisas, Hage 2007, destaca a gravidade da situação: Apesar de concentrar mais da metade das escolas brasileiras, 97 mil de 169 mil existentes, a metade das escolas do campo ainda é de uma sala e 64% são multisseriadas. (CARDOSO; JACOMELI, 2010, p. 283).

Especificamente, as escolas multisseriada vêm enfrentando sérias lutas ao longo dos anos, uma delas é a resistência ao fechamento dessas escolas, que embora tenha sofrido perdas, mas continua a persistir. Apesar da existência de um número razoável de escolas brasileiras no campo, seus problemas em relação à estrutura é um fator que não colabora com o ensino, pois metade dessas escolas conta com apenas uma sala de aula e em sua maioria, o ensino é multisseriado.

De que maneira o técnico educacional poderá contribuir para amenizar as problemáticas das escolas do campo? Este profissional é guerreiro, pois mesmo com as dificuldades existentes está sempre procurando exercer seu papel dando apoio e

suporte, buscando meios que possam amenizar a realidade vivenciada pelas escolas do campo.

Outro sistema sugerido pelo Plano Nacional de Educação para o ensino fundamental é a Pedagogia da alternância no qual esses alunos de 6º ao 9º ano e até o Ensino Médio possam estudar em dias alternados, uns dias na escola e outros dias em casa, isso facilita para os alunos que precisam ajudar suas famílias no trabalho do campo, valorizando dessa maneira o trabalho do campo. (CARDOSO; JACOMELI, 2010, p. 285).

Conforme Mészáros (2005) *apud* Cardoso e Jacomeli (2010, p. 285), “É nesse contexto que tentaremos explicitar a resistência das escolas multisseriadas: elas vêm sendo adaptadas às novas necessidades sociais tanto da população do campo quanto da população urbana”. Diferente do que foram citadas anteriormente, as turmas multisseriadas estão longe de seu desaparecimento, visto que as mesmas convivem diariamente com grandes desafios em seu funcionamento em que prefeituras tentam fechar escolas nessas condições por não haver demanda necessária de alunos, são marginalizadas perante a sociedade como um ensino deficiente, mas denotam bastante resistência a todas essas situações.

Por outro lado, as escolas multisseriadas podem ser compreendidas como possibilidade de desenvolver um processo educativo diferente, em que alunos de diversas faixas etárias e experiências podem participar/criar formas coletivas de apropriação do conhecimento. Tanto é, que se notam a existência dessa modalidade de ensino não apenas no campo, mas também no meio urbano, e os desafios do técnico é verificar como está o ensino dessas instituições, se estão cumprindo com suas funções se estão a contribuir para seu desaparecimento ou para sua recriação.

Portanto é preciso que os técnicos educacionais repensem na organização secular da instituição escolar, os tempos e espaços fragmentados. Pois não se trata de um ensino qualquer, mas, de um ensino que envolve um público do campo e que está a se expandir.

Pode-se observar que existe um desencontro de ideias, no qual alguns estudiosos, em seus estudos falam sobre a extinção ou substituição das classes multisseriadas por outros modelos e, em outras falas defendem que esse estudo deve prosseguir, pois o mesmo tem fundamental importância para o povo do campo, possibilitando a realização de um bom trabalho nessa área, mas, para isso precisa de um olhar diferenciado por parte do Estado para essa forma de ensino.

3 DESAFIOS DO TÉCNICO EDUCACIONAL NA EDUCAÇÃO DO CAMPO: VOZES DOS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA COORDENAÇÃO DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS/SEMED, ITAITUBA-PA

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLOGICOS

O desenvolvimento do trabalho foi embasado num estudo bibliográfico, constituído principalmente de livros e artigos científicos, os quais foram utilizados no decorrer de todo o procedimento, pois é imprescindível a busca com amplitude por conhecimentos teóricos para que assim, haja maiores esclarecimentos sobre a temática abordada. Dentre os autores utilizados destacam-se: Scheibe e Aguiar (1999), Carvalho (2013), Lima e Santos (2007), Arroyo e Fernandes (1999), Cardoso e Jacomeli (2010), Silva e Fachini (2015), assim como as Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Resoluções e pareceres que tratam da formação do Técnico Educacional e a Educação do Campo

Este trabalho foi realizado para a obtenção de informações relevantes ao trabalho desenvolvido pelos técnicos da Secretaria Municipal de Educação de Itaituba - SEMED, onde se realizou uma pesquisa de campo aplicada, por meio de questionário semiestruturados com 12 (doze) perguntas abertas e fechadas direcionadas aos técnicos da Semed que atuam nas escolas do campo. As perguntas propostas visam revelar sua importância, seu trabalho e os desafios encontrados nessa área. Dessa maneira, foram entrevistadas 6 (seis) profissionais que atuam como técnicas pedagógicas orientando os professores da educação do campo, dentre elas a coordenadora da CECAF, nos horários da manhã e tarde nos dias 12 a 16 de fevereiro de 2018.

3.2 CARACTERIZAÇÃO DA COORDENAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS/SEMED, ITAITUBA-PA

A coordenação do Campo das Águas e das florestas, é formado atualmente por 5 (cinco) profissionais licenciadas e 1 (uma) coordenadora, no qual, duas trabalham com questões pedagógicas, Diário de classe e Pareceres atuando diretamente junto aos professores e as outras três trabalham com questões pedagógicas e administrativas de forma geral como chefes de Departamentos dentro da

Coordenação. No entanto, o trabalho é feito em conjunto. Sendo que a principal atribuição das mesmas é visitar as escolas, fazer o acompanhamento pedagógico, dando orientações e sanando dúvidas e dificuldades que os professores venham a ter, elaboração de projetos, ajudar os professores com as formações continuadas, que agora está sendo realizado por polos, com objetivo de se atingir o maior número possível de escolas do campo durante essas formações, dessa maneira a coordenação acaba exercendo função pedagógica e administrativa.

Portanto, a tarefa das profissionais lotadas na CECAF é realizada em equipe, de forma que todos têm e sabem da responsabilidade e comprometimento, da real importância do seu papel, ao exercer sua função, visto que se prioriza o trabalho em grupo no atendimento e resolução de problemas que surgem no cotidiano das escolas do campo.

A CECAF/SEMED conta com um quantitativo vasto de escolas, alunos, professores e servidores sob sua responsabilidade que pode ser observado no quadro 1.

Quadro 1. Demonstrativo de escolas, alunos e pessoal docente, apoio e administrativo da zona rural

Descrição	Quantidade
Escolas	93
Alunos	6.560
Professores	396
Servidores em geral	610

A coordenação trabalha no atendimento de 93 escolas, algumas ribeirinhas, áreas de planalto e regiões indígenas, faixa de nove (09) escolas, apesar de ter uma coordenação multirracial, mas acaba ainda ficando a maioria sobre a responsabilidade das técnicas.

A partir deste ano de 2018, a CECAF estará se tornando uma Diretoria, conforme modificação do Organograma da Semed que está sendo enviado para aprovação pela Câmara Municipal de Itaituba. Essa reestruturação tem o objetivo de melhor atender as escolas do campo, uma vez que passará a ter melhor estrutura e apoio, assim como recursos humanos.

3.3 SUJEITOS DA PESQUISA

As seis profissionais entrevistadas atuam na Coordenação da Educação do Campo das Águas e das Florestas e são lotadas na Secretaria Municipal de Educação de Itaituba. Sendo uma Coordenadora, prof^a Maria de Lourdes da Silva Costa e, as cinco técnicas: Ana Maria Nonata Nascimento Cabral e Martinelle Albuquerque Galvão da Silva que possuem cargo/função de técnicas educacionais, e, Gilcilea Socorro Nunes Almeida Chefe de Departamento de Ensino Multisseriado (1º ao 5º ano), Maria da Conceição Pires da Silva, Chefe de Departamento do Ensino Fundamental (6º ao 9º ano) e Enilce Monteles da Silva, Chefe de Departamento de Educação Infantil, as quais também exercem a função de técnica pedagógica orientando os professores na prática docente. O quadro 2 traz os perfis das entrevistadas.

Quadro 2. Perfis das entrevistadas.

Entrev	Formação	Função	Tempo	Atribuições	Escolas atendidas
E ₁	Língua Português-Inglês, Pós-graduada em Coordenação pedagógica	Coordenadora	14 anos	Desenvolver um trabalho de equipe no atendimento as escolas do campo	Todas as escolas do campo
E ₂	Pedagogia, com especialização em Psicologia da Educação e Coordenação Pedagógica.	Técnica Educacional	18 anos	Orientação juntos aos professores, no início do ano sobre atividades, calendário escolar, planejamento para as formações continuadas.	É voltado até para 17 escolas fora da sede, mais na sede o atendimento é para todas.
E ₃	Pedagogia, Pós-graduada em Psicopedagogia e em Educação inclusiva.	Chefe de Departamento do Ensino Multisseriado do 1º ao 5º ano	4 anos	Levar atividades pedagógicas para acompanhamento dos alunos, observar a qualidade do ensino, ajudar e motivar os professores para melhorar o IDEB das escolas.	Atendimento a todas as escolas multisseriadas.
E ₄	História, Pós-graduada em História e Cultura Afro-brasileira	Chefe de Departamento do Ens. Fund. (6º ao 9º ano)	1 ano e 2 meses	Acompanhamento Pedagógico nas escolas, do desenvolvimento dos alunos, apoio profissional para o professor na aprendizagem do	Atendimento a todas as escolas sem especificação

				aluno, quando se percebe dificuldades.	
E ₅	Graduação em Pedagogia e História e Geografia; Pós-graduação em Gestão, Orientação e Supervisão escolar; Introdução à Arqueologia	Técnica Educacional	2 anos e 2 meses	Visitar escolas, acompanhar o plano de aula do professor, orientar na elaboração do diário de classe e parecer pedagógico.	42 escolas
E ₆	Pedagogia	Chefe de Departamento da Educação Infantil	1 ano e 2 meses	Atender aos professores, fazer acompanhamento pedagógico, desenvolver projetos.	Atendo todas as escolas e centros infantis de acordo com a demanda.

Quanto à formação, todas são licenciadas e pós-graduadas nas áreas específicas de atuação. As profissionais mais antigas no trabalho com a educação do campo é a coordenadora (18 anos de experiência) e a entrevistada 2 (técnica educacional que atua há 14 anos). Desse modo, pode ser observado que a experiência das profissionais e o trabalho em equipe tem colaborado com a melhoria da qualidade do ensino na área rural.

Outro aspecto interessante se dá em enfatizar que boa parte das profissionais assumem as mesmas atribuições, ou seja, de estar voltado para o acompanhamento pedagógico nessas escolas, de se observar como está o ensino-aprendizagem dos alunos e, de se trabalhar junto aos professores dando orientações, tirando dúvidas e auxiliando para que ocorram melhorias na qualidade da educação do campo.

Quanto ao número de escolas que são atendidas por cada um desses profissionais ficou evidente, que eles atendem a todas as escolas que nenhuma é específica no que diz respeito ao atendimento.

3.4 VOZES DOS PROFISSIONAIS DA CECAF

Realizou-se a coleta de dados e informações sobre a atuação do técnico educacional nas escolas do campo, a partir da visão da Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas (CECAF) da Secretaria Municipal de Educação/SEMED, Itaituba-PA procurando identificar os desafios encontrados nessa área. Iniciando a entrevista com os profissionais (pedagogos e outros licenciados) que compõem a CECAF foi perguntado inicialmente na questão 1: **O que você julga ser**

fundamental para um profissional ocupar a função de técnico educacional nas escolas rurais? No quadro 3 pode-se observar as respostas dos entrevistados.

Quadro 3. Qual deve ser o perfil do técnico educacional das escolas rurais?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAF
E ₁	<i>Precisa ter um olhar diferenciado, primeiramente ter amor ao que você faz ter dedicação por que não são fáceis as dificuldades e, realmente está preparado para enfrentar os desafios que vão surgir, por que não se trabalha nem só com o aluno e o professor, e sim com toda a comunidade.</i>
E ₂	<i>É necessário em 1º lugar ter a formação específica para realizar seu trabalho e, dentro dessa formação profissional é preciso ter o conhecimento do papel que ele vai assumir, dentro da função dele, conhecimento de todo o processo educacional para que possa dar as orientações corretamente, ter conhecimento amplo sobre a Legislação, ler bastante, ter conhecimento sobre a realidade das escolas, dos alunos e dos profissionais que lá atuam.</i>
E ₃	<i>O fundamental é o conhecimento, não só o teórico, como a prática pedagógica do campo, por que ela é diferenciada da prática pedagógica da cidade, o campo é diferenciado por conta das turmas multisseriadas, então o coordenador tem que ter conhecimento de como trabalhar e de levar metodologias para o professor que está lá, possa desenvolver melhor o seu trabalho, para que o aluno tenha um bom aprendizado.</i>
E ₄	<i>O fundamental ter compromisso, buscar aquilo, o objetivo que é o desenvolvimento do ensino-aprendizagem dessas crianças, ter a responsabilidade de fazer bem o seu trabalho.</i>
E ₅	<i>Ter conhecimento do que é prática pedagógica, articulação de como será cobrado e passado para cada professor.</i>
E ₆	<i>Primeiramente é necessário ter formação, comprometimento com seu trabalho e ter amplo conhecimento para desenvolver um bom trabalho.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

Conforme o relato dos técnicos observou-se, primeiramente que, para este profissional ocupar o referido cargo, além da sua formação é necessário que o mesmo tenha conhecimento do processo educacional e da realidade vivenciada pelos alunos e professores do campo, visto que a prática pedagógica precisa ser diferenciada, para que assim ele possa trabalhar da melhor maneira possível junto ao professor e ao aluno e, desse modo desenvolver um bom trabalho.

Assim o técnico disposto a atuar em educação profissional não necessita ter o conhecimento técnico específico, dentre as diversas áreas abrangentes do mercado de trabalho. Para se sair bem em sua função, é preciso antes de tudo, conhecer sobre o processo com o qual irá lidar, ou seja, a educação profissional. Por isso, deve buscar aprofundar seus estudos para que possa exercer com qualidades suas competências e contribuir no processo ensino-aprendizagem no campo de educação profissional. (CARVALHO, 2013, p. 10).

Conforme cita a autora, para exercer a função de técnico, antes de mais nada, não menosprezando que ele tenha formação específica, este profissional precisa ter

não só o conhecimento teórico, mas, também o conhecimento da prática e, essa prática ele irá adquirir no dia a dia, sobre tudo valorizando a vivência, a experiência das lutas do campo de outros profissionais, pois o bom profissional não é aquele que diz saber tudo.

Mas, aquele que assume que a cada dia se aprende algo novo e desse modo vai construindo seu saber diário, e se este profissional for fiel aos valores do campo, com certeza estarão preparados para exercer sua função no campo, contribuindo da melhor forma com o aprendizado dos docentes, alunos e também em sua própria função.

Em continuidade à pesquisa para detalhamento do tema, os técnicos foram indagados sobre os desafios enfrentados na educação do campo, na pergunta foi assim formulada na questão número 2: **Quais os desafios enfrentados para atender as escolas do campo?** O quadro 4 mostra os relatos dos entrevistados.

Quadro 4. Quais os desafios enfrentados nas escolas do campo?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAF
E ₁	<i>Os desafios são muito, por serem cerca de 93 escolas, algumas ribeirinhas, áreas de planalto, regiões indígenas. Uma das grandes dificuldades é a distância por existirem escolas a quase 600 km longe da Semed, os períodos de chuva devido as condições precárias das estradas, dificulta bastante a visita a essas escolas e a coordenação do campo não dispõe de transporte próprio para o atendimento as escolas, há duas caminhonetes, mas, as mesmas atendem a todos os setores e departamentos então é necessário agendar o carro para poder atender as escolas e devido a essa situação de o transporte não está disponível acaba por não atender as demandas das escolas.</i>
E ₂	<i>São muitos, mas que não se deve olhar para as dificuldades é necessário superar esses problemas de acordo com o conhecimento que se dispõe da realidade, tentar resolvê-los. Essa é a função de um pedagogo, pois para isso se fez pedagogia, pois pedagogia são estratégias, são caminhos, novas formulas novos trabalhos, é criar, dinamizar para que se dê conta do nosso papel. A questão de um transporte aquático e terrestre é uma necessidade para o atendimento mais presente a essas escolas</i>
E ₃	<i>A estrutura física das estradas que não são boas para se chegar a essas escolas, o transporte que é escasso para o atendimento, não temos um carro à disposição da coordenação, nas áreas ribeirinhas não tem uma lancha para nos dá apoio para que possamos atender as escolas do campo com mais intensidade.</i>
E ₄	<i>São as longas distâncias e as estradas, o deslocamento de chegar até essas escolas, tem escolas bem próximas, assim como tem escolas há mais de 300 km de distância da sede que é a de Moraes de Almeida, a zona garimpeira, tem períodos como agora no inverno que é muito difícil de chegar a essas escolas por causa das estradas precárias. A Semed dispõe de uma caminhonete que é traçada, mas, mesmo assim ainda é difícil devido à precariedade das estradas.</i>
E ₅	<i>O maior desafio ainda encontra-se no transporte para fazer visitas às escolas.</i>
E ₆	<i>Os desafios são bastante, tendo em vista a geografia onde as escolas estão localizadas, a questão do transporte, pois a coordenação até o momento não dispõe de um transporte próprio.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

De acordo com os relatos dos profissionais observa-se que, as principais dificuldades para o atendimento dessas escolas estão em relação ao transporte, que os mesmos não têm a sua disposição, a longa distância de muitas escolas e as precárias condições das estradas que dificultam muito o seu trabalho, principalmente nos períodos de chuva.

No entanto, percebe-se, que é necessário um olhar diferenciado para essas escolas, que precisa de mais ampliação nesses setores tanto no que diz respeito à estrutura física das estradas, como também melhorias no suporte de transporte para a realização dos trabalhos dos técnicos tanto terrestres como, aquático, visto que existem escolas ribeirinhas, para que a coordenação possa realizar seu trabalho mais vezes, suprimindo a demanda dessas escolas.

Prosseguindo com a entrevista perguntou-se na questão 3: **A quem ou a que você recorre quando precisa de ajuda ou quer trocar experiências?** Todas as entrevistadas ressaltaram que procuram ajuda com outros pedagogos da função, assim como consultas à internet. Ou seja, os meios que mais utilizados para melhorar e aperfeiçoar sua atuação são a troca de experiências com outros pedagogos da mesma função da coordenação do campo e pesquisa pela internet. Acreditam que a troca de experiência com outros profissionais contribui bastante visto que cada um tem algo diferente a acrescentar. Dessa forma Carvalho (2013, p. 05) afirma:

O momento é então de reestruturação de paradigmas, tanto na perspectiva sócio cultural como na perspectiva do mundo de trabalho. E em meio a essa configuração, surgem novas demandas de formação e desafios para o técnico, que diante das exigências do mercado precisa ser mais competente, desenvolver novas formas de aprender, novas competências e novas formas de realizar o trabalho pedagógico.

Conforme a citação, pode se afirmar que a cada dia necessita com maior frequência, da presença do técnico nas escolas do campo, visto que seu trabalho é algo essencial para o acompanhamento pedagógico dos professores e a avaliação do aprendizado dos educandos com as constantes mudanças, por isso a cada dia ele precisa se aprimorar com novas ideias, novos conhecimentos metodológicos para enriquecer seu currículo e, dá o auxílio necessários a todas as escolas do campo que necessitam da ajuda desse profissional.

Também foram questionados sobre sua opinião em relação se é respeitado e compreendido em seu trabalho na questão 4: **Você acha que os outros profissionais (das escolas do campo e da Semed) respeitam e entendem seu trabalho?** O quadro 5 contém o relato dos entrevistados.

Quadro 5. Os profissionais das escolas do campo e da Semed respeitam e entendem seu trabalho?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAF
E ₁	<i>Tem alguns colegas que respeitam muitos até elogiam o trabalho da Coordenação, apesar de todas as dificuldades, pois falta muita coisa que às vezes deixamos a desejar, tem erros e acertos, mas sempre se procura fazer o melhor e, toda equipe tem recebido elogios, por esse trabalho. Mas, sabe-se que tem pessoas que não conhecem a realidade de como funciona e às vezes não dá o devido valor.</i>
E ₂	<i>Eu acredito que sim, até por que dentro desse setor da coordenação do campo não se pode dizer que seja mil maravilhas por que cada um pensa diferente, mas, o bom é que há o respeito entre todos, e o que vale é consenso da maioria, sempre se busca entender o lado da melhoria, e o que vai ser melhor para todos, aqui dentro é distante da onde os professores estão, pois se não existisse respeito e o trabalho desenvolvido não fosse bom, os profissionais de educação não vinham a Semed, e, isso não é o que se percebe, pois há uma troca de aprendizado, ensinamos, mas, também aprendemos muito sobre os ensinamentos do campo.</i>
E ₃	<i>É muito relativo por que, eu observo que muitos entendem, quando você entende você respeita, e, outros não observam, mas se não respeitam ou se falam alguma coisa nem busco saber, mas até o momento eu entendo que respeitam, mesmo por que observo que os profissionais da educação do campo, eles tem ética e profissionalismo em 1º lugar, quando se tem esses dois itens tenho certeza que o profissionalismo anda na frente.</i>
E ₄	<i>Acredito que sim, tanto nos respeitam como pessoas e como profissionais, entendem e até valorizam o nosso trabalho, até por acreditarem que é um trabalho dificultoso, questão de atender da dificuldade de atender essas escolas, por isso entendem e respeitam o nosso trabalho, assim como nós aqui na Semed colaboramos com nossos colegas de trabalho quando temos um tempinho, ajudando em suas funções, a gente se respeita.</i>
E ₅	<i>Em parte. Alguns não acreditam pelo fato da pessoa (eu) ser do interior, outros pensam ser indicação política, enfim.</i>
E ₆	<i>Sim com certeza. Os profissionais das escolas do campo nos tratam muito bem, entendem o nosso trabalho. Quanto aos servidores da Semed acredito que todos respeitam o nosso trabalho.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

De acordo com os relatos da maioria dos profissionais da educação do campo ressaltou-se que respeitam e, reconhecem o devido valor do trabalho dos técnicos sendo este um ponto bem interessante para que sejam estabelecidas condições favoráveis para bom andamento do trabalho de ambos. Até compreendem que não é nada fácil se deslocar para poder fazer o atendimento fora da sede.

Já em relação aos técnicos ficou evidente durante a pesquisa por parte da maioria dos entrevistados que entre eles podem existir confronto de ideias diferentes, até por que são várias cabeças, mas independente de qualquer problema, há respeito

e entendimento entre os mesmos, e principalmente o profissionalismo, tendo em vista que, eles trabalham em equipe onde o principal objetivo é a melhoria no processo de aprendizagem na educação do campo.

Sabendo da importância da relação professores e profissionais da CECAF, para o bom desenvolvimento do trabalho de ambos, na questão 5 foi solicitado: **Descreva sua relação com os professores das escolas do campo e responsáveis de escolas. O que eles esperam de você? Você corresponde?** No quadro 6 pode-se observar o seguinte.

Quadro 6. Descrever sua relação com os professores e responsáveis das escolas do campo? Se você corresponde?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAF
E ₁	<i>Pode se dizer que eu e toda a equipe temos uma boa relação com os professores, eles sempre estão aqui a nossa procura, para buscar ideia, uma ajuda, quando está passando por alguma dificuldade, estão aqui com as técnicas que atendem diariamente, são parecer pedagógico, diários, plano de aula, eles esperam na gente uma ajuda para tentar melhorar o ensino no campo que não é fácil, e compreendemos que não é fácil trabalhar com turmas multisseriadas, é bastante complicado.</i>
E ₂	<i>Fazer com que os professores se sintam bem, e recebê-los bem em nosso setor, fazer com que sintam firmeza no que estamos realizando, acreditando que no final, se obtenha um bom resultado, eu acredito que nós estamos vendo diariamente, por que já se nota mudanças, organização, e, se espera a partir dessa organização mais melhorias, e que eles também esperam o melhor de nós enquanto profissionais.</i>
E ₃	<i>Eu descrevo como pessoas que quando fazem um trabalho pedagógico, e fazem uma graduação é por que gostam do que fazem, e a gente observa nas nossas visitas, nas nossas atividades pedagógicas, que desenvolvemos, o esforço de cada um, cada escola, em cada comunidade, desenvolvendo de forma diferenciada, conforme sua especificidade, eles procuram sempre fazer o máximo, mas nós estamos sempre aqui de braços abertos, sempre pedimos que se vocês tiverem dificuldade peçam ajuda estamos sempre aqui, se eu não souber eu busco em outro setor, diretoria de ensino fundamental e assim por diante, mas eu faço de tudo para que o professor não saia daqui sem uma sem resposta para sua pergunta.</i>
E ₄	<i>Até hoje, já tem 1 ano e 2 meses, graças a Deus, em todos os lugares que eu já fui, não consegui ir a todos por que são mais de 80 escolas e algumas com difícil acesso, eu sempre fui bem recebida, já fui procurada pra questões de ajuda, assim eu como pessoa, como profissional, nunca tive nenhum problema, sempre tive um bom relacionamento com todos os profissionais.</i>
E ₅	<i>Tenho uma relação totalmente profissional com todos os professores, não gosto de confundir o trabalho. Pelo fato deles estarem esperando o que eu espero deles: Ética profissional e principalmente compromisso. No entanto, acredito que correspondo.</i>
E ₆	<i>Sempre procuro está conversando com os professores e responsáveis. Sempre ajudo em caso de dúvida em relação à mudanças no ambiente escolar. Procuro sempre está em consonância com todos.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

Conforme o quadro, pode se verificar que entre eles há uma boa relação profissional de trabalho, que existe trocas de aprendizados, tanto por parte dos professores como, dos técnicos, pois quando os docentes procuram auxílio da

coordenação todos sempre são bem recebidos, assim como ocorre à receptividade para com os técnicos quando vão ao campo.

Portanto, o profissionalismo, o comprometimento entre ambos é recíproco, pois, quando o docente vai buscar suporte para o bom desenvolvimento de seu trabalho, os técnicos fazem de tudo para corresponder às suas expectativas, pois são admirados por estarem comprometido com seu trabalho e é sabido que a realidade do campo não é algo fácil.

Dando prosseguimento a entrevista perguntou-se às profissionais na questão 6: **Em sua opinião, há necessidade de um coordenador pedagógico nas escolas do campo? Quais as implicações causadas pela ausência do coordenador pedagógico?** O quadro 7 denota de maneira clara a opinião das entrevistadas.

Quadro 7. Qual sua opinião a respeito da necessidade de um coordenador pedagógico nas escolas do campo? E quais as implicações causadas pela sua ausência?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAF
E ₁	<i>Sim, pois as duas técnicas ficam sobrecarregadas, e muitas vezes não conseguem dá todo suporte necessário por conta do acumulo de trabalho, principalmente no final e início de ano, e nós temos 2 duas técnicas para atender noventa e poucas escolas, precisaria sim de pelo menos mais 1 (um). Apesar de ter algumas escolas maiores como as Escolas de Moraes Almeida e Crepurizinho que tem técnicos, as demais são todas atendidas aqui. Se tratando das implicações causadas pela ausência do coordenador pedagógico o ser humano é complicado, têm pessoas que você entrega um trabalho, ele faz maravilhosamente bem, não precisa ninguém está orientando, ele mesmo busca, e faz um bom trabalho, tem outros que dificulta, tem que tá acompanhando, incentivando, por conta disso se precisava ter um suporte para estar lá nas escolas, permanente, verificando como está o aprendizado daquelas crianças.</i>
E ₂	<i>Com certeza, há necessidade, até por que muitas cabeças pensando é bem melhor, mas tem muitos professores que não levam muito a sério, mas a maioria sim a gente sabe que leva a sério o trabalho do técnico, nós percebemos aquela necessidade e a importância que o nosso trabalho vale e está valendo dentro da escola, pois, é a partir daí na hora que visitamos essas escolas e fazemos a avaliação com o aluno se percebe e se analisa como está sendo feito o trabalho pedagógico, então tanto para o professor é importante o trabalho do técnico, como para nós o trabalho do professor, um vai superando o trabalho do outro.</i>
E ₃	<i>Em algumas escolas do campo já tem o seu técnico, umas quatro a cinco escolas, as que não têm, são assistidas pelos técnicos da zona garimpeira que são dois, tem técnicos aqui nas regiões das escolas ribeirinhas/estrada de barreiras dando suporte adequado, mas, nada melhor se todas tivessem um coordenador dentro de suas escolas desenvolvendo o trabalho com os outros, seria bem interessante, principalmente escolas com cem alunos, de cem para frente já era viável sim ter um coordenador pra fazer o acompanhamento.</i>
E ₄	<i>Seria bom se todas as escolas tivessem né, por que fica difícil atender como já foi relatado anteriormente, tem muitas escolas de difícil acesso então tendo um técnico lá, pra acompanhar o trabalho dos professores seria bem melhor, pena que nem todas as escolas possuem, e quando não tem o técnico nós é que fazemos esse trabalho, de tá acompanhando claro que, a gente vai deixar a desejar, não na questão do nosso trabalho, mas, na questão de estar lá mais presente acompanhando sempre.</i>
E ₅	<i>Sem dúvidas. Existem várias situações do dia a dia que ocorre na escola, principalmente com mais de 100 (cem) alunos, documentações, indisciplinas,</i>

	<i>cumprimento do horário (professores) que um coordenador presente não ocorreria com frequência.</i>
E₆	<i>Com certeza, pois a demanda é extensa, tendo em vista que são mais de 92 escolas na zona rural, com número aproximadamente de mais de 7 mil alunos e temos apenas 6 técnicos sendo distribuído 2 na região garimpeira, 2 na ribeirinha 1 na comunidade de campo verde e 1 no setor da coordenação do campo.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

Conforme observado, nota-se que todos os entrevistados concordam que seria muito bom se, todas as escolas do campo tivessem um coordenador em suas escolas. Pois, tendo esse profissional lá, presente vivenciando a realidade e acompanhando os trabalhos dos docentes, visto que devido a quantidade de escolas e o número de técnicos ser pouco os mesmos não podem estar tão presentes como deveriam.

Outro ponto bem interessante citado quando se fala das implicações causadas por sua ausência, se trata do comprometimento dos docentes, não são todos como foi especificado, mas que devido não haver o acompanhamento mais vezes tem alguns que não procuram desenvolver bem o seu trabalho. E se tivessem mais profissionais a Coordenação desenvolveria melhor o seu trabalho e os professores também.

Concluindo a pesquisa foi indagado na questão 7: **Com que frequência você reúne com os professores das escolas do campo? O que fazem nessa reunião? Quem dirige as reuniões?** As respostas das entrevistadas estão descritas no quadro 8.

Quadro 8. Com que frequência acontece essas reuniões nas escolas? O que fazem? Quem dirige?

Entrev.	Relato dos profissionais da CECAP
E₁	<i>Sobre as visitas as escolas se fazem duas reuniões anuais, uma no início do ano com o grupo e outra próxima ao final do segundo semestre, mas como nós polarizamos as escolas para a realização das formações, mas já estamos agendando para fazer nas escolas, pois já aproveita conversa com os servidores e com os pais dos alunos, por que educação não se faz sozinho, tem que haver a participação da família, o comprometimento da comunidade, fiscalizando o que está acontecendo, para ajudar quando for necessário, então precisamos está reunido nas comunidades para isso.</i>
E₂	<i>Na zona rural a questão do transporte aquático, terrestre é uma necessidade e, quando nós temos a oportunidade de transporte a nossa disposição, a gente busca sempre tá frequentando as escolas, acompanhando parte do processo ensino aprendizagem da escola e dá as orientações necessárias, às vezes até administrativa. Quando temos a oportunidade de estar lá, tentamos fazer o trabalho todo. Mas, assim, frequente mesmo, nós fazemos por ano, o nosso trabalho pedagógico, por exemplo, nas formações é a nossa maior reunião, nós fazemos de tudo para não deixar passar nada em branco, para isso temos um projeto, a gente se planeja se coloca todas as ações para serem faladas, pois é a maior oportunidade de estarmos juntos de se aproximar mais dos professores. Precisamos que o acompanhamento seja, mais vezes, pois é bem melhor está lá vendo de perto o trabalho destes profissionais.</i>

E ₃	<i>Em termos de reuniões pedagógicas, geralmente a gente se reúne por polos, as últimas formações foi através de polos, nós desenvolvemos formações para os professores, para que possamos ficar o mais próximo possível, mas tem outros casos em que os professores pedem e desenvolvem, eles tem autonomia de professores responsáveis de desenvolver reuniões dentro da sua escola e, dependendo do convite que eles fazem pra Semed, nós juntamente com a coordenadora sempre estamos presentes nessas reuniões, quem dirige geralmente é o professor responsável ou o diretor da escola, dando ênfase a coordenadora quando está sempre presente e pedindo para que a mesma fale algo de interesse da comunidade escolar.</i>
E ₄	<i>Essas reuniões são assim, nós fazemos uma agenda dependendo do período, do lugar, por que agora nesse período chuvoso, nós estamos fazendo lotações, quando terminar ainda tá no período de chuva, então nem todas as escolas vão ser atendidas, agora nesse período de difícil acesso, fazemos uma agenda duas, três vezes na semana a gente se desloca para algumas escolas, tem dias quando é no verão, da para a gente visitar até três escolas em um único dia, por exemplo escolas que ficam na mesma estrada, então conversamos, ouve as dificuldades dos professores, vê o que podemos melhorar, geralmente quem dirige essas reuniões quando a coordenadora não vai, são os técnicos e as reuniões se trata de acompanhamento e orientações, somos nós chefe de departamentos que fazemos, agora quando há outros assuntos a coordenadora vai e coordena.</i>
E ₅	<i>Sempre que se faz necessário; às vezes somos convidados pelos professores responsáveis, diretores, chefe de departamentos. Fazemos o que está no roteiro do convite, nós mesmos dirigimos, quando o assunto é de nossa competência.</i>
E ₆	<i>As reuniões não são frequentes, devido a demanda das escolas que são em torno de 93 escolas. Sempre é feito reuniões nas escolas, sempre vamos fazer acompanhamento pedagógico.</i>

Fonte: Coordenação do Campo/Semed (2018).

A maioria das professoras entrevistadas destaca que, as reuniões não são frequentes devido a quantidades de escolas que precisam de atendimentos, que depende de alguns fatores que impossibilita que elas aconteçam. Mesmo assim, pode se observar que as mesmas têm procurado melhores possibilidades de aproximação com essas escolas, estão a desenvolver formações por polos como estratégia de se atender uma maior quantidade de escolas.

E geralmente nessas poucas ocasiões que acontecem as reuniões, os técnicos fazem o acompanhamento pedagógico, conversam, ouvem as dificuldades dos professores, e, procuram auxiliar da melhor maneira possível no pouquíssimo tempo que estão com os docentes.

No momento que acontecem essas reuniões, que os técnicos estão presentes, como observado, quem dirige na maioria das vezes são os professores e os próprios técnicos quando se trata apenas de acompanhamento pedagógico. Quando a coordenadora é convidada a mesma é quem dirige. Portanto, se ver que é uma realidade bem difícil mas que a coordenação tenta realizar seu trabalho e dá suporte necessário a essas escolas dentro das possibilidades.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como principal objetivo conhecer e revelar os desafios do Técnico Educacional na Educação do Campo, das Águas e das Florestas, Semed-Itaituba/Pa. É importante destacar que com base nos estudos perceberam-se os desafios que ele enfrenta no atendimento as escolas, assim como sua importância no contexto escolar pode ser percebida e o quanto precisa ser revelado sobre sua atuação, para que a sociedade conheça o trabalho deste profissional, visto que muitos desconhecem ou não se interessam em conhecer.

Dando ênfase a importância da legislação e a formação do técnico foi possível ter conhecimentos sobre as mudanças que foram sendo ocasionadas ao longo da trajetória da formação deste profissional, e visto que o curso de Pedagogia e as demais licenciaturas foram fundamentais neste processo, suas contribuições e alterações nas leis tiveram grande relevância para atuação do técnico na educação até se chegar aos dias atuais.

É necessário citar que no contexto atual, com as mudanças ocorridas estes profissionais continuam a atuar com junções de funções exercendo papel de supervisor, orientador e coordenador, auxiliando junto aos docentes, gestores, alunos e comunidade escolar, desenvolvendo seu trabalho tanto com questões pedagógicas como, administrativas. Como os professores precisam a cada dia de aperfeiçoamento em seu saber fazer, os técnicos são os profissionais que auxiliam na educação do campo, ofertando as formações continuadas.

Sabe-se que a tarefa de educar não é algo fácil e desenvolver métodos que condizem com a vivência do campo precisa de conhecimento de sua totalidade, e quando se fala do ensino multisseriado se torna ainda mais difícil, visto que não existem modelos específicos voltados para essa modalidade, no entanto o professor precisa ser um profissional multifacetado para que consiga atingir êxito no processo ensino-aprendizagem dos alunos.

Portanto, como ocorreram pouquíssimos avanços em relação a uma pedagogia específica para esse ensino, atribui-se ao técnico apontar caminhos, métodos, possibilidades, para que os professores possam se aprimorar e construir seus saberes na vivência com os educandos. Diante de tantas dificuldades se tratando do ensino multisseriado o apoio da família é de fundamental importância para o trabalho do técnico, pois necessariamente um depende do apoio do outro para que melhorias

ocorram, e o técnico como auxiliador nas propostas pedagógicas e mediador em unir escola e família se torna figura essencial, o mesmo vem mostrando que por mais que essa modalidade enfrente duras críticas em relação a esse ensino, observa-se que para que ocorram melhorias basta que se tenha um olhar diferenciado e incentivo por parte das políticas públicas.

A partir das análises das entrevistas, percebeu-se que a equipe de profissionais da CECAF/SEMED atua em conjunto, onde a coordenadora direciona os trabalhos, tem duas técnicas que trabalham com questões pedagógicas e as três com departamentos de chefia, infantil, multisseriado e fundamental maior do 6º ao 9º ano, mesmo com a divisão por departamento as mesmas realizam seus trabalhos em equipe, primeiro polarizando as escolas, auxiliando com as formações da melhor forma, desse modo fazendo o acompanhamento pedagógico e administrativo.

No decorrer do atendimento as escolas, os principais desafios estão em relação à quantidade de escolas que são de 93, as distancias pelo fato de ter escolas há 600 km de distância e fica difícil atendê-las, principalmente nos períodos chuvosos e a questão de transporte que a coordenação não tem a sua disposição. Mesmo com todas essas situações que não permite que eles atuem com mais intensidade se denota uma boa relação entre ambos, de respeito, profissionalismo, compromisso, pois entre eles há uma parceria que se chama troca de aprendizados.

Sem dúvida, a presença do técnico no contexto escolar é indispensável, sem o seu suporte a educação não seria a mesma, não se atingiria tantas metas. No entanto sua ausência ocasiona resultados não tão satisfatórios para a educação, como profissionais descompromissados, desmotivados em realizar um ótimo trabalho. Enfim se espera que a partir destes estudos muitas pesquisas possam ser feitas e mais descobertas possam enriquecer cada vez, mais, a atuação deste profissional.

BIBLIOGRAFIA

ALARCÃO, Isabel. **Supervisão Pedagógica: Princípios e Práticas**\ MARY Rangel (Orgs). Campinas, SP: Papirus, 2001.

ALVES, Marcos Alexandre; ALVES, Carla Regina da Rocha. O Supervisor Educacional como Articulador da Ética no Contexto Escolar. **Revista Contra Pontos**, v.12. 2012.

ARROYO, Miguel Gonzalez in FERNANDES, Bernardo Mançano. **Educação no Campo: Educação Básica e o movimento social do Campo**. Brasília-DF. Vozes, 1999.

AZEVEDO, Ricardo; Machado et al 2014. **5 atitudes pela educação: Orientações para coordenadores pedagógicos**. São Paulo: Moderna, 2014.

BENCINE, Roberta. Como atrair os pais para a escola. **Revista Escola**. Belém, PA. Outubro. 2003.

CARDOSO, Maria Angélica; JACOMELI, Mara Regina M. Considerações sobre as Escolas Multisseriadas: Estado da Arte. **Revista Educare**, vol.5, nº 9, jan./jun. 2010.

CARVALHO, Isabella Abreu. **A produção do conhecimento em Educação profissional**. Anais Coloquial Nacional. Natal: IFRN, 2013.

FERNANDES, Marileusa Moreira. Apud RANGEL, Mari; SILVA JR, Celestino A. L. **Nove olhares sobre a supervisão**. Campinas – SP: Papirus, 1997.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. Departamento de Planejamento e Administração Escolar de Pedagogia: **Habilitação em Supervisão Escolar**. Universidade Federal do Paraná. 1978.

_____. **Supervisão Pedagógica: Princípios e Prática**. Campinas, SP: Papirus, 2001.

GIMENES, Oliria Mendes; MARTINS, Adriana Auxiliadora Martins. **Supervisão Escolar entre os Ditames da Legislação e os Desafios da prática pedagógica**. Revista da Católica, Uberlândia, 2010.

LDB. **Lei de Diretrizes de Bases da Educação Nacional Nº 9.394/96**. 5ª Edição. Brasília, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** 12. ed. São Paulo, Cortez, 2010.

LIMA, Paulo Gomes; SANTOS, Sandra Mendes. **O coordenador Pedagógico na Educação Básica: Desafios e Perspectivas**. v.2 nº 4 Jul./ dez. 2007.

LÜCK, Heloísa. **Ação Integrada: Administração, Supervisão, e orientação**, Petrópolis, RJ: vozes, 2008.

MACHADO et al. **5 Atitudes pela Educação: Orientação para Coordenadores Pedagógicos**. São Paulo: Moderna, 2014.

MOURA, Terciana Vidal; SANTOS, Fabio Josué S. A Pedagogia das Classes Multisseriadas: Uma Perspectiva Contra-Hegemônica às políticas de regulamentação do trabalho docente. **Debates em Educação**. Maceió, vol.4, n 7, jan./jul. 2012.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. Escolas Multisseriadas: A experiência Internacional e Reflexão para o caso Brasileiro. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.** Rio de Janeiro, v.22, n82, jan/mar. 2014.

PERIUS, Ane Rubia. **Coordenador Pedagógico: Um auxiliar no estabelecimento de relações afetuosas na escola**. Brasília-DF, Maio 2013.

PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação e prática do educador e do orientador: Confronto e questionamento**. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

RANGEL, Mary; **Supervisão Pedagógica: Princípios e práticas**, Campinas, SP: papirus, 2001.

ROCHA, Helianane Oliveira. **Da Educação Rural à Educação do Campo: As “velhas” lutas políticas como espaço de Emergência de Novos Conceitos**. Artigo I Seminário Nacional Sociologia & Política UFPR, 2009.

SCHEIBE, Leda; AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de Profissionais da Educação no Brasil; O Curso de Pedagogia em questão. **Educação & Sociedade**, Dezembro/1999.

SECADI. **Educação do Campo: Diferença mudando paradigmas**. Brasília - DF, março de 2007.

SILVA, Alice Felisberto; FACHINI, Maria Ângela B.de A. **Relação escolar-família e o papel do Coordenador Pedagógico: Estado do Conhecimento**. Horizontes, v.33, n 1, jan./jun. 2015.

SPRICIGO, Fabrício. O Orientador Educacional: atuação e formação profissional e dilemas enfrentados pelo pedagogo Escolar com o fim das habilitações em pedagogia. **Revista Linhas do programa de Pós-Graduação em educação**. Florianópolis, Jan/Jun.2012.

APÊNDICE A - QUESTIONÁRIO APLICADO ÀS PROFISSIONAIS QUE ATUAM NA COORDENAÇÃO DO CAMPO, DAS ÁGUAS E DAS FLORESTAS – CECAF/ SEMED/ ITATUBA-PA

Prezadas professoras, sou Ingridh Rodrigues Silva Almeida, acadêmica do curso de Pedagogia da Faculdade de Itaituba e estou desenvolvendo um estudo (monografia de graduação) sobre a atuação do técnico educacional nas escolas do campo, a partir da visão da Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas/SEMED, Itaituba/PA procurando identificar quais os desafios encontrados nessa área, contamos com sua colaboração nesta pesquisa.

I. Identificação:

* Qual sua formação? Possui Pós-Graduação? Qual?

* Qual sua função na Coordenação da Educação do Campo, das Águas e das Florestas da Secretaria Municipal de Educação?

* Você atende algumas escolas específicas, pelas quais você é responsável? Quantas?

* Quais suas principais atribuições nessa função?

* Há quanto tempo desenvolve essa função?

II. Sobre a prática educacional:

1. O que você julga ser fundamental para um profissional ocupar a função de coordenador pedagógico nas escolas do campo?

2. Quais são os desafios enfrentados no exercício de sua função?

3. A quem ou a que você recorre quando precisa de ajuda ou quer trocar experiências?

- () Coordenadora/Diretora () Professores () Internet
() Literatura Pedagógica () Outros pedagogos da minha função
() Outros. Quais? _____

4. Você acha que os outros profissionais (das escolas do campo e da Semed) respeitam e entendem seu trabalho?

5. Descreva sua relação com os professores das escolas do campo e responsáveis de escolas. O que eles esperam de você? Você corresponde?

6. Em sua opinião, há necessidade de um coordenador pedagógico nas escolas do campo? Quais as implicações causadas pela ausência do coordenador pedagógico?

7. Quais seriam em sua opinião, os critérios necessários ao coordenador pedagógico para atuar nas escolas do campo, tanto em termos de formação quanto de características pessoais?

8. Com que frequência você reúne com os professores das escolas do campo? O que fazem nessa reunião? Quem dirige as reuniões?

Agradecemos a colaboração!

APÊNDICE B – REGISTROS FOTOGRÁFICOS DA CECAF EM AÇÃO



Profissionais da CECAF/SEMED (2017).



As técnicas na correção dos diários e pareceres.



Acadêmica em entrevista à coordenadora.



Visita à escola do campo e teste de leitura.



Técnica realizando o teste de leitura.